

FACULDADE SANTA HELENA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL:
ESTUDOS SURDOS

RAFAEL DE ARAÚJO FERRAZ

**O Mundo Surdo:
Passeata dos Surdos – luta e comemoração**

RECIFE-PE
2009

RAFAEL DE ARAÚJO FERRAZ

**O Mundo Surdo:
Passeata dos Surdos – Luta e comemoração**

Monografia apresentada como requisito para conclusão da pós-graduação em Estudos Surdos: Cultura e Diferença, da Faculdade Santa Helena, orientada pela professora Liliane Longman.

RECIFE-PE
2009

O Mundo Surdo: Passeata dos Surdos – Luta e comemoração

Monografia apresentada como requisito para conclusão da pós-graduação em Estudos Surdos: Cultura e Diferença, da Faculdade Santa Helena, orientada pela professora Liliane Vieira Longman.

Aprovada em: ____/____/ 2009

Liliane Vieira Longman
Orientadora

Abdias Vilar de Carvalho
Avaliador

Maria Tereza Barreto Campello
Avaliadora

*Eu dedico esta monografia para a
Comunidade Surda, é a minha
família e principal guardiã da língua
de sinais.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter terminado esta monografia.

Aos meus pais, irmãos, minha namorada Mariana e, toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Liliane Longman pela paciência na orientação, estimulando e tornando possível a conclusão desta monografia.

Aos dois líderes Surdos, Antônio Cardoso e Antônio Campos, pelo apoio e conselho no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a execução e conclusão desta monografia.

Aos amigos e colegas Surdos, em especial, Williane Holanda, Paulo Vieira, Rafael Ottoni, Lindilene Maria, Carolina Longman, Darlene Seabra, e os ouvintes Telma Biscontini, Juliane Botelho, Ricardo Schmidt e Alysson Feitoza pelo estímulo e apoio constantes.

RESUMO

Esta pesquisa é um documento vivo do movimento Surdo, em especial sobre as passeatas do Dia Nacional dos Surdos em Recife. Mostra e denuncia as diferentes lutas dos sujeitos Surdos através da língua de sinais e da sua cultura, ou seja, lutas cidadãs pelo reconhecimento da diferença, por uma educação Surda e pela acessibilidade Surda. A partir da história dos Surdos podemos refletir sobre como a sociedade constrói desigualdade e não escuta os movimentos minoritários. A passeata é um espaço político de luta que os Surdos utilizam para divulgar sua existência, autonomia, coragem e, mais ainda, o orgulho Surdo. É importante a reflexão sobre o sentimento, conhecimento e aprendizado dos Surdos que lutam pelo desenvolvimento e construção da cultura Surda, da identidade Surda e da língua de sinais.

Palavras-chave: história de Surdos, movimento Surdo, passeatas, língua de sinais.

ABSTRACT

This research is a document of the Deaf Movement, in special about the National Deaf Day parades in Recife. It shows and denounces the different campaigns of Deaf people through the Sign Language and its culture, i.e. they are campaigns from citizens standing to the recognition of the difference, the Deaf education and Deaf accessibility. Based on the Deaf history, we can meditate about how the society generates inequality and does not consider the minority. The parade is a political space that Deaf people use to spread their existence, autonomy, courage and, even more, their pride. It is important that we think about the sentiment, knowledge and learning of Deaf people which stand to the development and construction of Deaf culture, identity and Sign Language.

Keywords: Deafs' history, Deaf movement, march/parades, signs language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1º CAPÍTULO – O MUNDO SURDO	10
1.1 - Minha História	10
1.2 - Conhecendo o Mundo Surdo	28
2º CAPÍTULO – PASSEATAS DOS SURDOS	39
2.2 - Um pouco da história dos Surdos	40
2.2.1 - Os Surdos fazem greve de 7 dias nos Estados Unidos	44
2.3 - Os movimentos de Surdos no Brasil	47
2.4 - Metodologia da pesquisa	48
2.5 - História das passeatas de Surdos no Brasil: luta e comemoração	49
2.5.1 - As passeatas de Surdos em Recife-PE	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXO I	70
ANEXO II	72
ANEXO III	73
ANEXO IV	81

INTRODUÇÃO

Esta monografia fala sobre a história das passeatas dos Surdos neste país, Brasil, que foram iniciadas a partir de lutas já ocorridas em outros países. Foi construída com: entrevistas a dois líderes Surdos, Antônio Campos e Antônio Cardoso, que relataram a história das passeatas de Surdos no Brasil e em Pernambuco; filmagem do movimento dos Surdos na passeata em Recife, no dia 25 de setembro de 2008; pesquisas nos livros e na internet através do Google para encontrar outros sites e vídeos que pudessem enriquecer o trabalho com as informações sobre o mundo Surdo.

Esse tema sobre a Passeata dos Surdos foi escolhido por ser muito importante, pois mostra que as lutas dos Surdos hoje, no mundo contemporâneo, são as mesmas lutas históricas do passado. O tema surgiu no momento da realização de uma palestra sobre “O mundo Surdo” em escola pública com “inclusão” de Surdos em salas como ouvintes, ocorrida antes do Dia do Surdo (26 de setembro), na qual foi divulgada a importância dos alunos Surdos participarem da passeata. Porém, foi percebido que a maioria dos alunos não sabe a história da passeata e das lutas dos Surdos. As escolas de inclusão não estão preocupadas com a história e construção da cidadania dos Surdos, nem com a sua cultura.

A pós-graduação em Estudos Surdos fala sobre o mundo Surdo através da identidade, cultura e língua de sinais, assim o tema escolhido contribuiu para fazer uma maior investigação sobre a história da organização das lutas pelos Surdos.

O primeiro capítulo desse trabalho é sobre o Mundo Surdo. Nele é apresentada a história de vida do autor desta monografia, que é Surdo. E, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, é realizada uma abordagem sobre a cultura Surda, a língua de sinais e as comunidades Surdas. No segundo capítulo descrevem-se algumas histórias das passeatas de Surdos no mundo e no Brasil, para mostrar a importância desse movimento.

Além deste trabalho escrito, foi produzido um trabalho visual em vídeo, com transmissão do conteúdo do tema através da Libras e com legenda na língua portuguesa. Deve-se ressaltar a importância disso, pois a Libras é *ouro* para os Surdos e uma língua oficial desse país.

1º CAPÍTULO – O MUNDO SURDO

Deve-se fazer uma reflexão sobre o Mundo Surdo com identidade, cultura e língua. Os Surdos¹ tem os costumes, os hábitos, as crenças, as idéias, as normas, as tradições, interesses semelhantes e os valores, denominados de Cultura Surda. Essa cultura é viva nas Comunidades Surdas e nas Associações de Surdos que são guardiãs da língua de sinais. As diferenças dos dois mundos, Surdo e ouvinte, estão nos próprios sujeitos, são as vivências e experiências culturais criadas pelos grupos que contribuem para as construções das identidades coletivas.

Para início desta reflexão apresento a história da minha vida como Surdo.

1.1 - Minha História

Eu sou Surdo de nascença, tenho 28 anos de idade. E tenho uma irmã Surda mais velha, de 29 anos. Eu e ela somos únicos Surdos de nascença na família, mas tenho um primo “de longe” na família que também é Surdo, mas nasceu ouvinte, eu tinha 22 anos quando o conheci. Também, o marido da minha tia tem uma filha Surda, esta, é quem mais a gente encontra, desde quando éramos crianças.

Ainda criança, freqüentei fonoaudiólogo com a turma de Surdos. Em comparação à escola, tinha treinamento em turma para falar oralizado. Eu sentia o movimento dos Surdos e curtia conviver com eles, na mesma sala estava com minha irmã também. Eu sempre observava e focava mais nas mãos e nas expressões dos alunos Surdos. Enquanto os fonoaudiólogos usavam mímicas

¹ Escolhemos usar no nosso texto o termo Surdo com letra maiúscula para representá-los como sujeitos culturais e políticos.

acompanhando o movimento dos lábios, com mais clareza, eu curtia, aliviado, enfocar mais as mãos do que ler os lábios. Assim, eu fiquei sem saber os certos e/ou os errados. Como o aprendizado humano, eu não imaginava a realidade da vida neste mundo e não acreditava na minha existência, achava que minha família era única no mundo, não pensava nos outros, nas coisas acontecendo, na realidade, na ação. Eu sempre usava a imaginação para coisas irreais. Mas depois que aprendi Libras, eu comecei ficar muito tenso e ansioso, passando a saber e a ver a realidade do mundo. Ficava acordado e pensava alguma coisa sobre os outros, o que estava acontecendo, assim eu continuei a ganhar maturidade, mas fiquei angustiado com relação à minha idade atrasada.

Eu não conseguia enfrentar o oralismo, realmente, não conseguia me entender. Sendo assim, eu assumia ter os meus limites. Meus pais decidiram me mudar para outro fonoaudiólogo que era particular para treino oral individual.

O segundo fonoaudiólogo que eu freqüentei sempre falava: “*Bom dia, tudo bem?*” e eu sempre respondia: “*Bom dia, tudo bem*”, mas eu nunca respondia com outras respostas diferentes: “*mais ou menos*”, “*péssimo*” e *outras*. Nunca desenvolvi bem, a vida continuou e, eu apenas enfocava as palavras para aprendê-las, sem a expressão da frase. Muitas coisas não representaram momentos de sucesso para mim, por não conseguir entender e refletir sobre muitas coisas da realidade do mundo, como também pela falta de aquisição da língua. Atualmente, depois de alguns anos aprendendo Libras, comecei a comunicar com criatividade.

Aquele segundo fonoaudiólogo disse que era impossível eu passar no vestibular, por causa do estigma de ser Surdo, assim eu me sentia como incapaz e inferior. Mas, eu passei em dois vestibulares no ano 2001. Muitas coisas que não foram momentos bons para mim na experiência com o segundo fonoaudiólogo, principalmente, porque eu perdi muitos contatos com Surdos que participavam na turma do primeiro fonoaudiólogo.

No segundo fonoaudiólogo era proibido o uso de gestos e mímicas, dizendo que isso era como “macaco” E a exigia treinar a fala oral e eu me sentia obrigado a falar oralizado. O fonoaudiólogo sempre me acusava, falava que eu era preguiçoso e minha irmã curtia a comunicação oral, conseguindo falar. Mas, eu, realmente, não curtia freqüentar fonoaudiólogo, sentia-me inferiorizado. Depois de aprender Libras,

descobri que muita gente pensa que existe uma única cultura e não se preocupa em aceitar as diferenças. Por mim, aceito as diferenças. Não há obrigação de falar oralizado, se tem-se desejo de aprender Libras. Logo, eu refleti que “ser preguiçoso”, era porque eu não tinha prazer para comunicar oral. Portanto, eu sinto que faltou eu me comunicar na sociedade com os adultos Surdos, pois eles comunicando no ambiente as crianças Surdas os observam e se desenvolvem como realidade natural da vida social.

Aconteceu que eu fui convencido pela sociedade ouvintista, usava os aparelhos com inocência. Mas sempre usava sem graça, nunca entendia os sons nos meus ouvidos, as palavras. Somente conseguia escutar os barulhos. Quando eu era adolescente conseguia sentir a vibração da voz nos aparelhos, mas o meu cérebro não tinha cognitivo de escutar as palavras, eu apenas sentia a vibração. Eu sempre me incomodava de usar os aparelhos e tinha meus limites, sempre os mantinha guardados e, às vezes assumia usá-los quando meus pais me exigiam usá-los. Depois de aprender Libras, descobri muitas coisas, sou contra oralismo. Eu reflito que o oralismo é uma clínica de fonoaudiologia, como prática da medicina no corpo do doente. Realmente eu tenho orgulho Surdo, com fome de ser Surdo tenho muita vontade de comunicar em Libras, sou feliz de ser Surdo. Mas atualmente, a educação e política são péssimas, a sociedade continua a ter desigualdade, e as pessoas pensam em cultura única na sociedade, relacionada com as ideologias de padronização e de normalização.

Eu perdi a paciência de freqüentar fonoaudiólogos, porque são muitos anos longos. Meus pais me exigiram continuar porque melhoraria em falar oralizado. Eu sentia a minha voz constante, e sabia que não existia a melhoria.

Eu estudava na escola dos ouvintes, em sala especial, 1^a até 3^a série (metade do ano). Eu imaginava que eu não era como as pessoas que tem problema mental e senti-me diferente deles, eu sabia que apenas tinha dificuldade de escrever e de comunicação. Eu, sempre, preocupava-me com as orelhas como estigma e tinha medo de enfrentar as séries crescentes que não era em salas especiais. Eu sempre observava e admirava, contudo eu sentia-me como ser deficiente.

Na 2^a série, no final do ano, teve uma avaliação dos alunos da sala especial para aprovar ou reprovar. A professora deu muitos elogios para os outros menos

para mim, pelo comportamento. Eu entendi que ela me disse que eu não tinha prestado a atenção às aulas e, ainda, tinha brigado com um colega que era Síndrome de Down, leve, eu bati nele com uma vassoura, como crime, porque eu não o agüentava. Naquele momento eu não conseguia falar oralizado e explicar direito à professora quais os motivos, o que para mim era, totalmente, uma perda. Quando aprendi Libras, eu, realmente, percebi que queria estudar na escola dos Surdos desde a infância, se a metodologia da educação dos Surdos estivesse pronta, acredito que eu ia desenvolver muito mais. Isso é mais forte e há mais prazer de conviver no mundo Surdo.

Quando eu estava na 3ª série (metade do ano), meus pais decidiram que eu ia estudar em outra escola, em uma série “normal”. Eu fiz a avaliação e passei, mas, eu comemorava sem prever o futuro e achava que ia dar tudo certo, pois minha irmã também estudava uma série depois de mim. Nessa mesma escola estudei até me formar no 3º ano.

Na primeira aula, eu comecei a entrar na sala e já fiquei meio desesperado por enfrentar o estudo e a comunicação oral. Depois foi piorando essa situação, porque eu continuava sem entender as regras da escola para estudar e fazer provas de avaliação, o que descobri muito atrasado. Nunca entendi nada nas aulas e sempre esperava ansioso, olhando a hora no relógio, que ficava na parede atrás do professor, esperando a hora de terminar as aulas. Sempre ficava com alívio, adorava ficar fora da sala para respirar e sentir relaxamento olhando o céu, que eu observava e imaginava, com emoção de ver o tempo (manhã, tarde e noite). Depois de freqüentar as comunidades Surdas (igreja, associação de Surdos, palestras, etc.), descobri que sou ansioso desde quando eu era adolescente, pela prática de olhar o relógio todos os dias. Em conseqüência, eu fiquei com muita angústia, imagina-se que ninguém agüenta ficar parado 24 horas sem comunicação.

Eu sofria com as discriminações e as brigas dos colegas ouvintes, sentia-me inferior quando eles faziam coisas contra mim. Às vezes, aconteciam momentos bons que eu me divertia, porém, eram freqüentes os momentos ruins nos quais eu era excluído pelos colegas. Totalmente infeliz, eu estudava naquela escola onde, não foram momentos bons para mim e, pior, quase não aprendi nas aulas, nem me desenvolvi bem. Acontecia que os professores esqueciam de mim com relação às

divulgações das provas e das tarefas. Eu tinha solidão, pouco contato com os alunos, era infeliz e agüentava tendo paciência, não podia fazer nada e continuava tentando comunicar-me com eles, porém, sempre tivemos problemas e ficávamos incomodados. Eu reclamava ao meu pai sobre os comportamentos deles e estava querendo estudar em outra escola, mas meu pai não deixava. E, assumi mudar para o turno da manhã; Infelizmente, alguém da tarde continuava a fofocar e fazer coisas contra mim.

Em 1997, graças a Deus, alguns colegas eram bons para mim e às vezes tinham paciência. Meu colega, chamado Renato Costa, sempre conviveu comigo na aula de matemática como bom companheiro. Sempre éramos concorrentes nas notas em matemática, eu tirava mais notas altas do que ele. Mas, eu conseguia tirar nota melhor do que Renato em matemática, porque eu sempre focava direto no quadro e sempre tirava as dúvidas mostrando as tarefas para corrigir. É bom salientar que, raramente, eu lia os lábios da professora.

Renato era meu companheiro da escola, convivíamos, mas, atualmente, ele não faz parte do meu convívio, porque eu convivo mais com Surdos, mudei o meu caminho. Por quase 7 anos eu e ele não nos encontrávamos, quando a turma resolveu marcar o encontro de 10 anos da 8ª série eu o reencontrei. Conversei muito com ele e com a sua namorada. Renato ficou feliz porque eu disse que ele era meu companheiro da escola, realmente ele não esperava que agora eu sei Libras, falei para ele que Libras é a minha favorita, ele me observou e percebeu que mudei muito, como ter maturidade.

Continuando, em 1998, na aula de matemática, todos acreditavam em única cultura. Renato estava chamando o meu nome, mas minha cabeça estava virada para frente, eu percebi o movimento dele me olhando e me esperando. Quando virei minha cabeça em sua direção ele estranhou, perguntou-me se o ouvi chamando meu nome. Naquele momento eu estava sem aparelhos nos ouvidos. Todos, alunos e a professora estavam olhando-me quando respondi que não havia ouvido, e todo mundo riu. Renato também riu e me disse: "impossível". Até a professora estava desconfiando de mim. Mas, eu não conseguia explicar, porque naquele momento, eu usava poucas palavras, fiquei magoado com a cabeça baixa, continuei com o olhar na mesa, tentando segurar a lágrima.

Eu não me sentia feliz de ser Surdo e de me comunicar somente através da fala oralizada. Agora tenho muito orgulho de ser Surdo através da Libras, e não me preocupo com provocações. Até na faculdade, eu era deprimido e ficava com muita angústia, apesar de querer ser profissional, eu descobria que as pessoas ouvintes não se preocupam em aceitar as diferenças. E agora, se alguém me provoca eu não ligo, sempre me sinto como estrangeiro, sinto uma delícia de comunicar-me em Libras e me desenvolvo muito.

Um fato interessante aconteceu, em 1995, na escola, quando fogos explodiram no lixo no momento da aula de História. A professora ensinando e eu nunca entendia, sempre olhava para cima e pensava em coisas bobas, e os colegas da minha sala sempre me provocavam sobre o meu jeito de ficar olhando para cima e “voando”. Eu ficava deprimido e não estava sabendo o que acontecia com a minha realidade, sentia que algo estranho iria acontecer. Naquele dia assustei-me muito quando a professora e os colegas andaram com movimentos estranhos, eu levantei-me e não estava sabendo de nada, os segui correndo para abrir a porta. Vi muita fumaça, logo que o lixo explodiu voando para cima, nós todos estávamos tremendo. Os outros professores correram verificando e resolvendo seriamente, a minha colega, que tem surdez em um ouvido e escuta com outro ouvido, me disse que ninguém sabia quem foi o aluno que colocou as duas bombas (fogos) em cada lixo.

Eu preferia desenvolver-me mais, aprendendo Libras como primeira língua. A língua portuguesa também é importante para aprender, como segunda língua. Realmente o Surdo é capaz e dá para perceber as palavras nos produtos, por exemplo, como acessibilidade, pode desenvolver a aquisição da língua.

Minha família e muita gente acredita que com o segundo fonoaudiólogo que frequentei se me esforçasse para desenvolver em português, eu melhoraria o português, mas realmente é coisa irreal, pois aprendi mais nos livros de gramática e nas aulas de português da escola. Foi quando eu estava na 5ª série até 8ª série, pois a irmã da minha ex-professora também é Surda, então essa professora sempre me respeitava e me ajudava.

Um amigo de infância e eu convivemos naquele segundo fonoaudiólogo que eu frequentei desde quando eu tinha 7 anos, ele tem a mesma idade que eu. Mas ele não conseguiu aprender os significados das palavras, nem falar oralizado, então

o fonoaudiólogo me disse que ele tem problema na memória, porque não falava e sempre usava as mímicas (acredito que isso é natural, a comunicação com os gestos). Eu ficava meio triste por não conviver mais com ele. Mas eu agradecia porque eu não tinha problema de memória e consegui falar oralizado. Nas férias, eu e ele, encontrávamo-nos na praia de Itamaracá, ele se comunicava mais com mímica do que falar oralizado.

A mãe desse amigo ficava triste e depois descobriu a Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE), onde ele desenvolvia-se aprendendo a Libras, ganhava amigos e muitas coisas para divertir-se. Ela relatou a minha mãe sobre a convivência dele e ficava feliz. Em 1997 eu tinha 16 anos, minha mãe decidiu levar eu e minha irmã para ASSPE, mas minha mãe apenas me falou “amigos Surdos” e eu achava que era clube, com a turma do primeiro fonoaudiólogo. Eu ficava tenso por reencontrar-me com eles, e aquele amigo de infância estaria lá.

Quando nós chegamos na ASSPE, antes de abrir o portão eu fiquei chocado com a comunidade Surda usando Libras. Minha irmã adorou, e eu não. Porque, no passado, lá no interior eu vi um rapaz Surdo sinalizando junto com moça ouvinte, eu não os conhecia, apenas percebi. Meu pai me mandou não olhar para eles e me disse que são burros com a comunicação. Esse foi o motivo pelo qual eu comecei a estranhar aquele amigo de infância usando Libras, pois eu acreditava que Libras era inferior. Eu estava me sentindo mal e não entendia porque aquele fonoaudiólogo falou aquilo sobre meu amigo. Reclamei com a minha mãe, querendo voltar para casa, mas minha irmã continuou adorando lá e minha mãe continuou a adiar mais a hora de voltar para casa.

Depois de alguns minutos três Surdos aproximaram-se de nós, um deles fala oralizado e comunicou-se com minha mãe, mas eu senti como se ele fosse ouvinte e eu perdia o tempo, pois não entendia o que eles falavam. Então eu não fiquei feliz e assumi ser chato quando um deles tentou comunicar oral acompanhando Libras comigo, eu não conseguia entender o que ele estava falando e eu pedi a minha mãe para me explicar, ele disse que adorava matemática e sempre tirava nota boa, mas português não. Eu fiquei sabendo e sentia-me igual a ele, então, eu achava que todos eram iguais a mim. Eu continuei a reclamar com minha mãe para ir embora, e minha irmã ficou na ASSPE.

Depois de alguns dias minha colega que estudava junto comigo na escola e tem uma irmã Surda, me chamou para a festa da ASSPE. Eu não esperava, estava com dúvida, no momento não estava com pretensão de ir com ela, porque eu não gostava de ver o povo Surdo comunicando-se em Libras. Depois de alguns dias eu decidi ir para ASSPE com ela, pois imaginava que se eu fosse com ela teria oportunidade de paquerá-la, e, era a primeira vez que me chamou para sair. Descobri que minha irmã já sabia e, tinha preparado ir, minha mãe ficou contente porque eu ia também.

Na festa eu reencontrei aquele amigo de infância, que continuou a comunicar-se comigo através de mímica, ele me apresentou duas Surdas, eu tinha oportunidade de paquerá-las. Uma delas estava tentando lembrar de mim e comunicou-se em Libras acompanhando a fala oralizada, disse-me que lembrava de mim quando éramos crianças, eu fiquei emocionado, feliz. Eu e elas continuamos a comunicação oral sem os gestos e meu amigo se sentiu incomodado e, depois ficou irritado, obrigou-me a aprender Libras. Eu continuei seguir as meninas para comunicar oral. Na festa do aniversário dele, eu aceitei ir porque elas iam também. Depois, comparando Surdos e ouvintes, eu percebi, e senti-me mal, achando que eu não existia, porque eu não conseguia comunicar-me com as pessoas através da língua oral. Eu decidi aprender Libras e ele ficou contente, elas foram me ensinando e continuei a reencontrar-me com a turma do primeiro fonoaudiólogo.

Eu descobri que Libras não é como “macaco”, não consigo entender a sociedade ouvintista que fala isso. Eu realmente estava aprendendo com dificuldade e sofri. Cada mês seguinte, os meus olhos estavam demorando a abrir para a realidade da comunicação em Libras. Os Surdos conversando e, eu continuava a não acreditar quando conseguia entender as comunicações. Mas, ainda tinha dificuldade de entender tudo e não estava acostumado, ficava cansado de comunicar-me e não agüentava prestar atenção, sentia que o meu limite era menos de 15 minutos que eu agüentava. As dificuldades, por anos, continuavam, para entender essa comunicação. Por isso, eu me sentia infantil, sempre vivia sem comunicação, minha cabeça era fechada e parada, continuava a sentir-me mal porque não conseguia entender o que estava acontecendo comigo.

Assim eu sofri para superar, para entender e compreender a comunicação em Libras, não foi fácil de superar e eu sempre agüentava, absorvendo e treinando a comunicação, eu me cansava e sentia a minha cabeça pesada. Em muitos dias fiquei revoltado e tentei repetir o pensamento: “sou contra oralismo”, até hoje eu penso. Realmente sou contra oralismo com as normas de exigência para freqüentar fonoaudiólogo, por causa da sociedade que pensa a única cultura e não se preocupa em aceitar as diferenças. Mas tenho respeito pelo Surdo que tem interesse pelo aprendizado da fala oral.

Em setembro de 1998 fui com minha família morar nos EUA e ficamos uns 5 meses, depois voltamos para o Brasil, mas, íamos ficar um ano lá. Estudei na escola onde havia inclusão de Surdo, tinha interprete de ASL (língua americana de sinais) e nos comunicávamos, normalmente. No período anterior à viagem, aqui em Recife, eu aprendi ASL com uma Surda, chama-se Terezinha de Jesus, pois minha mãe procurou lá na ASSPE e conseguiu achá-la. Naquele momento eu estava começando a conviver com os Surdos e apenas imaginava as comparações entre Surdo e ouvinte, muitas coisas foram divertidas e aceitei aprender Libras, começando a gostar, por pouco tempo, antes de morar nos EUA. Terezinha veio para minha casa ensinar ASL a mim e minha irmã, aconselhava-me e me ajudava a compreender as coisas importantes do comportamento e eu quase comecei aceitar a identidade Surda pelas experiências e pela finalidade de conseguir comunicar-me lá nos EUA. Eu sentia que estava aprendendo ASL, com bastante esforço, mas eu não imaginava que essa é a língua dos Surdos.

Lá na escola dos EUA não havia alunos americanos Surdos, apenas, dois Surdos indianos, mas eles não tinham assumido a identidade Surda. A intérprete me convidou para visitar a Universidade Gallaudet, dizendo que somente Surdos estudam lá. E eu aceitei, mas, infelizmente, a minha família precisava voltar para o Brasil. Eu fiquei decepcionado por não ter visitado a Universidade Gallaudet. A intérprete também tinha me convidado para ir ao cinema. Mas, até então, eu não sentia orgulho de ser Surdo com a comunicação em ASL. A intérprete ficou sabendo e não acreditava que eu ia voltar para o Brasil, realmente, queria ajudar a mim e a minha irmã.

Quando, em janeiro de 1999, voltei para o Brasil minha mãe exigiu que eu continuasse a frequentar o fonoaudiólogo, mas, não aceitei. Ela disse que eu podia piorar a fala oralizada e, eu disse-lhe que não me preocupava. Ela ficou chateada e depois foi se acostumando, até agora. Eu fiquei com alívio e sinto-me livre de fonoaudiólogo.

Voltei a estudar naquela mesma escola, 1º até 3º ano. Foram os momentos incríveis e horríveis para mim porque estudei com três Surdas sinalizadas, eu conversava muito nas aulas, sem os limites, usava Libras simultaneamente com a fala oralizada e atrapalhava os alunos quando eu ria e falava com a voz alta. Os alunos me reclamavam, mas eu não entendia nada, pois eles também atrapalhavam a aula. Eu ficava infeliz por estudar na mesma sala com alunos que antes já tinham estudado de manhã e outros da tarde. Alguns continuavam a fofocar e falar mal de mim e continuavam a me discriminar, cada vez pior, e, discriminavam-me mais do que às Surdas, elas quase nada eram discriminadas. Elas também perderam a paciência comigo na conversa, mas eu não entendia o motivo, pois elas também conversavam.

Depois eu descobri que eu tinha uma comunicação muito atrasada e ficava com muita ansiedade. Realmente, foi no começo da comunicação em Libras, pois eu estava muito confuso e sentia-me mal, muito atrasado em relação à minha idade. Mas eu estava aprendendo cada vez mais. Na realidade, os meus olhos demoraram muito para abrir-se ao entendimento da realidade do mundo, eu estava me superando ao entender a comunicação e isso não foi fácil, eu fiquei muito deprimido. Até hoje, penso que sou contra o oralismo.

Comecei a conviver com os Surdos na ASSPE e assumi usar Libras como minha língua. Mas, ainda, não entendia que deveria assumir a identidade Surda. Terezinha continuou a me aconselhar e informar-me sobre o futuro, acordar para a realidade com as dificuldades. Eu usava Libras simultaneamente à fala oralizada e uma Surda chamada Wanda (já faleceu) me sugeriu não falar em Libras junto com a fala oralizada, e eu ficava chateado, com raiva. Em 2001, aos 20 anos de idade, eu aceitei a identidade Surda. Depois de 2001, fui começando a ficar revoltado e desisti de usar aparelhos auditivos, que eu usava desde quando tinha 1 ano de idade.

Lembro-me que ao encontrar-me com Wanda na ASSPE, no bairro da Torre, ela me fez lembrar que eu estava com raiva dela, e eu fiquei sem comentário e, achei que ela tinha razão, mas, faltou me informar que a Libras é diferente do português. Posteriormente, desenvolvi-me e entendi. Em seguida, eu comecei a ter orgulho de ser Surdo. Muitas coisas que eu desenvolvi e aprendi os acertos e os erros na comunidade Surda.

Eu tinha um amigo ouvinte, chamado Carlos Roberto, que morava no mesmo prédio que eu, convivíamos frequentemente, sempre jogávamos bola, quase sem falta. Ele aprendeu Libras comigo, primeiro, usando o alfabeto e comunicava-se com alguns dos meus amigos Surdos. Era uma pessoa importante para mim, apesar da menor idade que eu - ele tinha 13 anos e eu, 20 anos. Uma noite que eu estava estudando e preparando-me para fazer prova de vestibular, ele ligou no interfone do prédio, avisou para eu descer e jogar com ele, olhei na janela e ele me pediu para descer, avisei a ele com minhas mãos, com gestos, que não ia descer. E ele também comunicava-se com os gestos. Por causa do escuro eu não conseguia ler os lábios, ele já sabia, e ajoelhou-se como gesto “por favor + rezar” para descer, eu resolvi descer. Depois alguns dias eu passei no vestibular e ele ficou muito feliz, passando a mão dele na minha cabeça raspada. Depois de um mês (dezembro de 2001), outra vez eu passei e tornei a raspar a cabeça. Eu o observava, sentia que ele me achava capaz, como humano. Depois de alguns dias, no mesmo dia do natal ele faleceu, era impossível, eu não acreditava. Eu tive depressão alguns anos e eu não conseguia entender o que tinha acontecido. Um dia eu fui para casa de uma intérprete para estudar a disciplina da minha faculdade, ela me informou que não seria bom eu sofrer porque Roberto poderia sofrer também. Aconselhou-me dizendo que se eu continuasse sofrendo, seria como se quisesse que ele voltasse, e isso, seria ruim para ele no céu, é melhor ele ficar feliz, disse-me ela. E, realmente, eu compreendi, quando eu cheguei em casa chorei revoltado, não sabia que o sofrimento é ruim quando fica-se regravando o sofrimento, como automático.

Apesar de usar a imaginação, eu não tinha desenvolvimento suficiente para aprender com maturidade. Por isso se Surdo comunica-se em Libras na realidade do mundo humano é como fortaleza, é uma língua natural. Enquanto eu falava oralizado não me desenvolvi, quando aprendi Libras, embora com muito atraso, eu me desenvolvi.

Então achei que é o destino de Carlos Roberto, como se fosse meu anjo da guarda, logo, eu senti continuando a desenvolver-me mais do que antes. Realmente, eu ganhei maturidade. Mas foi muito ruim quando eu usava a imaginação para coisas irreais, acho que não é fácil descobrir o destino certo da vida.

Em 2001, passei nos dois vestibulares no mesmo ano. Comecei a estudar na faculdade, pensava que aquela faculdade era como escola para aprender fácil, Mas, descobri que era diferente, é curso específico de profissionalização, tem muitas teorias e muitas práticas. Eu estava acordando para a realidade. Infelizmente, eu me atrasei muito nas informações recebidas, no momento que eu estava sem intérprete, sempre estava sem saber. Cada vez me sentia muito pior porque eu era muito agressivo e muito deprimido, no momento eu continuava não acreditando que Roberto faleceu. As informações recebidas são importantes para saber, depois aprender e, então, fazer.

Depois de um ano e meio eu consegui ter intérprete. Mas, sempre mudava o intérprete por desistência ou mal comportamento. Não foram momentos de sucessos para mim, mas alguns professores me ajudaram ao me dar atenção e comunicarem-se com a escrita, principalmente Anjolina e Sandra Siebra.

Escolhi Sandra como a minha orientadora da monografia, porque ela sabe um pouco Libras. A monografia foi sucesso da minha vida, eu fiz tudo sozinho. Mas antes era incrível e horrível que eu não sabia o que era monografia. Lógico que Libras é uma língua para os Surdos usarem nas comunicações, nos sentimentos e, para desenvolver o processo do conhecimento através da linguagem. Acho que essa língua faz bem para a saúde e é pura da comunicação, é a forma da cultura natural com o respeito das diferenças. Com Libras o Surdo absorve mais as informações no processo do desenvolvimento pra ter o conhecimento, do que se somente falar oralizado.

Eu trabalhava como estagiário e sentia muita pressão quando alguns funcionários comunicavam-se oralmente direto sobre trabalho. Eu não entendia nada, sentia-me muito parado, às vezes eu ficava curioso olhando eles, que se sentiam incomodados com isso e, eu sentia-me excluído.

Lá no estágio eu convivia mais com uma colega, que também era estagiária, chamada Juliane Botelho. Ela me apoiava muito, tem bom coração e vontade de aprender Libras. É muito fácil de ter sorte algum ouvinte ter interesse em Libras, mas geralmente tem pensamentos e opiniões diferentes e tentam convencer aos outros, falta respeito em aceitar as diferenças. Por exemplo: eu escrevo simples em português, sem perfeição, e por isso um ouvinte acha que Libras não ajuda a melhorar o português.

Atualmente eu trabalho em um projeto de informática na Universidade Federal de Pernambuco, realmente foi milagre que Juliane também trabalha lá, Continuamos companheiros, comunicando-nos em Libras. Tem outras duas pessoas que também sabem pouco Libras e, outras pessoas estão com interesse em aprender, o que me deixa contente.

Se Surdo grita, e é mudo? Não há sentido nessa expressão, os Surdos têm as vozes normais, sem estrutura da audição para falar direito as palavras, como eu. Existe Surdo que aprende a falar oralizado, naturalmente, mas depois assume ter identidade Surda, como minha namorada, Mariana Hora, que pode comunicar-se em Libras com Surdos e comunicar-se oral com ouvintes, desde que se comunique na frente dela, mas, continua sentindo complicada a comunicação pública. Em fevereiro de 2008 eu e ela começamos a namorar até agora, mais de 1 ano e meio do namoro. Uma parte da família dela tem surdez moderada e não usa Libras.

No ano de 1999, eu fui para missa e primeira comunhão de Eduardo Jales com grupo de Surdos do SUVAG, lá eu conheci Williane Holanda que também participava da primeira comunhão, mas, a gente não conversava e eu fiz propósito de não dar atenção a ela, ela ficava calada. Antes eu convivi com uma amiga dela. Depois a amiga dela convidou a mim e a ela para viajarmos. Nessa viagem eu e ela começamos a ter contato, até agora, é minha melhor amiga. Ela absorveu as minhas criatividades em Libras e eu absorvi com ela imitando as minhas idéias, até a minha Libras melhorou muito, isso é prazer da comunicação, nós desenvolvemos. Ela me disse que ainda não acredita na existência da minha presença, eu fiquei contente. Normalmente, eu e ela já tivemos problemas e resolvemos conversar com diálogo para resolver a solução, muito fácil. Eu acho que a presença dela é importante, pois

eu desenvolvi a identidade Surda, imagina se ela não existisse e eu não sei o que iria acontecer num outro caminho diferente.

Em 2009 eu e meu amigo, chamado Paulo Vieira, passeávamos na praia, conversando, eu fiquei surpreso e emocionado porque ele me disse que lembrou tudo de mim quando eu e ele éramos crianças. Eu fui o primeiro Surdo que ele conheceu, antes de me conhecer ele sentia e pensava ser único Surdo, o fonoaudiólogo disse para ele que sou Surdo também. Ele freqüentava o fonoaudiólogo depois do meu horário.

Em 2000 eu não esperava ir ao médico com meus pais e minha irmã Surda para verificar os ouvidos se era possível ou não fazer cirurgia de implante coclear (IC). Quando chegamos lá no médico, eu não estava sabendo, perguntei ao meu pai: “médico de que?” e respondeu-me: “para olhar os ouvidos se possível fazer cirurgia ou não”. Eu fiquei chocado e angustiado, eu disse para ele que eu não aceito fazer cirurgia e a expressão dele foi que ficou estranhando. Ele me disse que Gabriel, neto do ex-governador de PE, fez cirurgia e conseguiu escutar. Eu continuei a dizer que eu não aceito e não quis que o médico olhasse os meus ouvidos, mas minha mãe disse que já tinha pago e, me obrigou a que o médico verificasse. Mas, graças a Deus eu não fui implantado, pois meus pais não exigiram.

No ano passado eu assumi falar com meus pais que eu sou contra Implante Coclear (IC). Eles disseram que IC é bom para escutar melhor, eu resisti falando que esse IC é insuficiente e, que tenho amigos implantados sofrendo e sendo infelizes. Até discutimos e fiquei irritado.

Sobre IC, a sociedade ouvinte devia respeitar a escolha dos povos Surdos. Muitas vezes em quaisquer lugares eu conversei com os pais ouvintes das crianças. A maioria dos pais falam que as crianças Surdas não têm direito de escolher e são obrigados a fazer cirurgia de Implante Coclear. Mas eu já disse que é melhor para eles quando crescerem, como adolescentes, escolher através da vontade própria, senão podem ocorrer o desrespeito aos pais.

Podemos refletir sobre um bebê que nasce Surdo e a mãe decide que quer ele seja ouvinte, então vai fazer cirurgia de IC. E, se o bebê nascer ouvinte e a mãe Surda decidir que ele deve ser Surdo, então poderá fazer cirurgia para ser Surdo?

Lembra-se: "a criança tem direito", é inocente. Deixem que os Surdos têm direito de escolher.

Podemos refletir, ainda, sobre a imposição do IC nas crianças imaginando se acontecesse de os pais quererem ter filho com dificuldades visuais e o médico faria cirurgia para tirar a visão do bebê, sociedade favoreceria isto? Se os pais assumissem quebrar as pernas do bebê para virar paraplégico, a sociedade favoreceria? Cortam as audições do bebê ouvinte para virar Surdo, a sociedade favoreceria? Então porque implantar um Surdo na tentativa de torná-lo ouvinte? Lembramos, também, que é realidade os sujeitos Surdos desejarem ter filhos Surdos, pois têm consciência que isso é natural.

Eu sou contra IC e células-tronco, por ser influência da sociedade ouvintista, que continua querendo manipular os povos Surdos. As famílias ouvintes idealizam seus sonhos altos durante a gravidez para ter um filho, esperando ser o mais bonito, perfeito, inteligente e ouvinte, isto é, preocupa-se com a qualidade do corpo como cultura única. Quando o bebê nasce e, depois o médico apresenta a surdez como doença, os pais ficam chocados com um filho que é "não normal", ficam ansiosos e querem saber se o filho Surdo vai conseguir um dia a "cura" para ouvir. Realmente os pais ouvintes do filho Surdo não procuram a comunidade Surda, por causa da ideologia normalizadora. Infelizmente, neste momento a sociedade, ainda influencia a IC e células-tronco por causa de dinheiro.

Um dia eu assisti ao Jornal Nacional na TV, com leitura da legenda, disse que é proibido cortar os rabos e as orelhas dos cachorros, pois criaram lei de proibição. Então, refleti comparando com a sociedade através de IC, os sujeitos Surdos não são humanos? É como se fossemos cachorros, ou seja, somos iguais aos outros animais?

A sociedade ouvintista não se preocupa em aceitar as diferenças e eu fico angustiado. Então, sou contra IC, faço palestra e digo "sou contra IC", para os alunos Surdos que estudam nas escolas "inclusivas", com objetivo de que eles compreendam a realidade do mundo Surdo e, também, acabar com quem pensa em única cultura, afastar as influências.

Imagina que ouvinte não agüenta ficar sem comunicação, sem conversa, televisão etc. por 24 horas e se sinta prejudicado, apenas por um dia. Imagina mais de 1 ano e seria pior, se mais de 5 anos muito pior ao lembrar do passado. Depois de freqüentar a ASSPE, compreendi com Terezinha de Jesus e Wanda a identidade Surda. É meu hábito e meu costume conviver no mundo Surdo, mas eu gosto de me divertir com os ouvintes que gostam de mim e tem interesse em Libras.

Em 2006 eu me formei na faculdade, curso de Sistemas de Informação. Mas não foram momentos de sucessos estudar naquela faculdade, pois faltava intérprete, alguns professores esqueciam de mim; depois meu pai começou pagar salário a intérprete, mas alguns professores continuaram sem se preocupar em aceitar as diferenças. Agora estudei a pós-graduação. Também trabalho e estudo para concursos públicos.

Quando começou a aula de pós-graduação, Estudos Surdos, eu senti muito prazer em freqüentar às aulas, não esperava as informações sobre cultura Surda etc. Realmente, eu já sabia algumas coisas, pois eu tenho identidade Surda e me desenvolvi na ASSPE, eu observei e comparei os mundos diferentes com as criatividades. Mas, nas aulas eu me desenvolvi aprendendo as palavras. Senti como sendo um pesquisador científico, aumentando as idéias para comparar os mundos diferentes. Por isso eu tenho muito orgulho de ser Surdo, até hoje sempre falo: “o mundo Surdo”.

Sobre o livro de Karin Strobel, achei-o melhor do que outros livros e é mais fácil de ler. Isso é ótimo para eu fazer o resumo e a pesquisa sobre o conceito da cultura Surda. Eu e minha namorada sempre discutimos utilizando esse livro, e nos desenvolvemos.

No dia 26 de setembro, eu sou assim, quando eu me acordo observo o céu. Quando amanhece aquele dia maravilhoso, fico ansioso de ir para passeata, com oportunidade de encontrar-me com os Surdos. Eu sinto orgulho Surdo quando observo as crianças e os jovens Surdos comunicando-se através da língua de sinais, isso é coisa linda. Mas, eu refleti que os que estudam nas escolas de inclusão e, não nas escolas de Surdos, não entendem como é a passeata e o Dia Nacional dos Surdos. Eu observei que as crianças olhavam os jovens, os adultos e idosos Surdos

através da Libras, entenderam e perceberam as comparações, por causa das mãos que comunicam.

Em 2007, eu olhei uma criança com cerca de 7 anos de idade que estava ao lado da mãe, eu falei “Oi” e o menino me mostrou a língua com a cara chata. Eu disse a ele que sou Surdo também e ele ficou desconfiado, olhou os outros Surdos. Eu refleti que ele não conseguia entender a realidade da vida, estava fechado, com desenvolvimento parado.

Eu fiz a pesquisa e vi os vídeos nos sites, mostrando as crianças falando que preferem a língua de sinais, pois é mais fácil de comunicar-se e se sentem limitadas comunicando oralmente, eu observei que elas se desenvolvem através das escolas de Surdos. Às vezes, eu não me sinto bem porque muitas crianças estudam nas escolas com a “inclusão”, que não têm metodologias Surdas. É importante para aprender a história dos Surdos e os sofrimentos pelos quais passaram.

E, a passeata é mais importante, pois tem o movimento de Surdos na rua para mostrar à sociedade ouvintista, fazer as reclamações porque faltam as coisas, como os lugares que não têm acessibilidades, as qualidades das escolas e outros. No movimento de Surdos, alguns têm consciência de lutar e outros não. É preciso aumentar os Surdos na rua para mostrar a desigualdade social. Poderia ser que melhorasse, poderia criar escola de Surdos pelo governo (pública), pois atualmente aqui (Recife) tem escola de Surdos que é particular, realmente muita gente Surda não tem dinheiro para pagar escola particular. Por isso a preocupação com futuro, assim, a passeata é muito importante para ter a vitória e aumentar os Surdos desenvolvendo-se através da língua de sinais.

Em 2008 minha colega ouvinte da pós-graduação, que sabe um pouco Libras, convidou-me para fazer palestra na escola de “inclusão”, nos turnos manhã e tarde, mas eu tinha entendido errado e pensei que seriam somente os pais (ouvintes) dos alunos que assistiriam. Eu organizei um arquivo para utilizar o datashow para fazer divulgação da cultura Surda. Quando pela manhã eu apareci lá, fiquei chocado porque os alunos Surdos, crianças e jovens, participaram, pois o arquivo que eu organizei não foi combinado para eles, que entenderiam melhor se vissem os vídeos sobre identidade Surda com a importância da língua de sinais. Assim, eles não entenderam tudo através da palestra com a explicação por todo o

tempo. Eu palestrei e observei que eles ficaram calados, refleti que eles não entenderam direito, apenas tinham interesse no meu sujeito Surdo através da língua.

Quando eu apareci lá, quase todos eles não esperavam que eu fosse Surdo e me fizeram muitas perguntas. Quando eu terminei a palestra pedi a eles para fazer o debate, ninguém quis ficar ao meu lado para todo mundo olhar e, três deles fizeram as perguntas escondendo-se. Eu cheguei em casa e tive um dia pensativo, aproveitei para preparar os vídeos e as explicações mais simples para palestra dirigida ao turno da tarde, e usei alguns vídeos que eu tinha guardado há muito tempo.

Na mesma escola, em outro dia, à tarde, cheguei, e percebi que quase todo mundo não esperava que eu fosse Surdo, também fizeram questionamentos. No começo da minha palestra, com a explicação mais clara, alguns ficaram tensos, tiveram muita atenção através do datashow. No final da palestra, nos debates, eles ficaram revoltados e assumiram falar na frente de todo mundo. Muita gente reclamou sobre os pais deles que não respeitavam, os ouvintes que provocavam com discriminações e mais coisas, eu fiquei nervoso, porque não tinha tempo para explicar tudo.

Depois de alguns meses minha colega de pós-graduação disse-me que alguns alunos da manhã e da tarde estavam querendo que eu continuasse a palestra, sempre perguntavam para ela através do meu sinal. Eu refleti que se eu trabalhasse lá para ensinar a eles, poderiam compreender as coisas através da importância da identidade Surda, aprenderiam sobre as histórias de Surdos, tendo consciência melhor sobre isso. É mais seguro a convivência e a felicidade no mundo Surdo, como naqueles vídeos com as crianças falando sobre a língua de sinais.

Imagina se eu não tivesse participado na ASSPE, ou seja, não tivesse aprendido Libras, eu não iria me desenvolver. Continuaría a sofrer muito pior e também não fazia reflexões, eu iria continuar usando muitas imaginações com coisas irreais, poderia ficar mais deprimido e ter muita dificuldade. Apesar de ter saúde, me faltou quando bebê até 3 anos comunicar-me aprendendo em Libras, como primeira língua para a cognição e aquisição da língua se desenvolverem. Mas é a vida... Eu sou Surdo feliz e continuo a ter consciência. Tenho orgulho de ser

Surdo, vivo no mundo Surdo com a própria língua natural, realmente eu tenho identidade Surda.

Durante minha infância, no momento da convivência oral, eu não refletia sobre a existência das pessoas e me sentia único do mundo, como solidão, nem imaginava a realidade do mundo. Aos 16 anos, comecei aprender Libras e vi o movimento dos Surdos sinalizando na ASSPE, eu sempre observava os rostos deles. Depois de alguns anos eu senti o movimento dos Surdos sinalizados como colorido, eu via cores na comunicação através da língua de sinais e percebi que sou Surdo feliz e, que antes, no mundo ouvinte, não era colorido, por exemplo, uns sujeitos Surdos falam as piadas e caio na gargalhada, mas as piadas ouvintes eu sinto escuro, não tem graça. O mundo ouvinte é preto e branco pra mim, mas Mundo Surdo é um colorido vivo e alegre.

Eu sou um Surdo deste Brasil, mas já existe literatura Surda que fala sobre a Cultura Surda, as Comunidades Surdas, a Língua de Sinais com os costumes e valores do Povo Surdo, vamos falar sobre isso agora.

1.2 - Conhecendo o Mundo Surdo

As comunidades Surdas têm as políticas nas associações de Surdos, escolas dos Surdos, federações, igrejas, eventos esportivos, grupos de teatro e outros. A vida social Surda são as convivências nos diversos locais, por exemplo: nos shoppings, nos restaurantes, nos trabalhos, nos órgãos públicos, nas lojas, nas igrejas e em outros ambientes de interação humana. Isso é um conjunto de significados e costumes distribuídos e construídos pelo povo Surdo, consistindo em diversos movimentos e lutas desse povo pelos seus direitos.

Os Surdos não param de lutar, através de caminhadas, com muitas tradições nas organizações das comunidades Surdas. O espaço político mais conhecido e mais importante é as Associações de Surdos, onde estão alguns líderes

e militantes Surdos. Na história, aconteceu que os Surdos sofreram, perseguidos pelas pessoas ouvintes, que não aceitavam as diferenças e exigiam única cultura através do modelo ouvintista. São muitas lutas e histórias nas comunidades Surdas, onde o povo Surdo se reúne contra as práticas dos ouvintes que não respeitam a cultura Surda. Sobre isso já tem muitas explicações através das pesquisas, histórias e analogias culturais (STROBEL, 2008).

Cada sujeito Surdo tem história própria e diferente, quando descobrem suas identidades, após sofrer com a solidão. Mas, a maioria dos Surdos sentiu-se com limites quando os profissionais ouvintes, que trabalharam para os Surdos, forçaram a oralização, como aconteceu no Congresso de Milão, em 1880, que proibiu a comunicação através de língua de sinais dos Surdos.

O povo Surdo luta pela pedagogia Surda, que defende o “olhar” e a “diferença”, em uma filosofia para educação cultural. Isso é o artefato político se revelando sobre a fortaleza da educação diferente. Com o professor Surdo ensinando a cultura como estrangeira e apresentando as diferenças das identidades culturais dos alunos Surdos. Essa metodologia é compartilhada para organização da identidade positiva de sujeitos Surdos.

Como Karin Strobel (2008) explica, muitas escolas de Surdos têm os profissionais ouvintes que trabalham e, têm o “mundo” diferente dos Surdos. Com o poder da cultura ouvinte, vêem os alunos Surdos de forma especial, como coitados para serem ajudados. Esses profissionais praticam uma atitude de “fazer bem” para os Surdos, que, para eles, necessitam de ajuda para se desenvolverem, pois acham que os Surdos sozinhos não conseguem ou têm mais dificuldades. Assim, esses profissionais continuam divulgando a maneira de tratar os Surdos através de mimar, achando que a cultura Surda é uma irregularidade vivida em um lugar limitado onde se fazem atividades sem nenhuma importância.

[...] quando o surdo diz, “Eu tenho orgulho de ser surdo”, ele choca e confunde o ouvinte. O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que o ouvinte tem sobre o mundo. Ele não pode mais achar que o surdo é um “coitado”, porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. O ouvinte fica com medo. O mundo do ouvinte começa a ficar menos seguro, mais complexo. O ouvinte não tem explicação para o orgulho de o surdo ser surdo. Como é possível uma pessoa ter orgulho de ser surdo? Para o

ouvinte, é um absurdo. É um paradoxo. (MCCLEARY apud STROBEL, 2008, p. 82)

Como ocorreu na revolta da Universidade Gallaudet, quando um Surdo conseguiu ser reitor da universidade, os sujeitos Surdos começam a exigir seus lugares através da representação da diferença cultural e lingüística. Nós sabemos que a verdadeira inclusão, que respeita a diferença cultural dos Surdos, pode ocorrer em outros lugares como nos restaurantes, nos shoppings, nos trabalhos, nos órgãos públicos, nas lojas, nas igrejas e em outros ambientes de interação humana.

Precisa-se entender as diferenças dos outros mundos, a língua diferente como estrangeira, pois os sujeitos Surdos sentem orgulho de usar a língua de sinais. A língua de sinais é a aceitação da própria identidade Surda. A língua de sinais é natural para os Surdos se comunicarem, é como a língua natural dos índios, ou seja, as línguas definem culturas diferentes. Os sujeitos Surdos usam as expressões faciais e corporais e, através da língua de sinais, fazem as idéias para a forma de transmitir mensagens nos contextos, sem palavras, sem sons orais.

As duas línguas, Libras e português oral, entendem as mesmas comunicações. No português utiliza-se os tipos de entonação da voz para os diferentes tipos de frases: afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa e imperativa. Em Libras, essas mesmas características das frases são expressas através do corpo, com alguns sinais ou com toda a frase. Como Karin Strobel explica que um dos artefatos culturais do povo Surdo “é o lingüístico, a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda”. (2008, p. 44).

Diversos autores dos Estudos Surdos explicam que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) não pode ser misturada com a língua portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A língua de sinais passa, também, pelas mudanças históricas, igual a língua portuguesa. A língua dos Surdos transmite através dos tempos os costumes das gerações Surdas. Assim, pode aparecer um sinal e depois sofrer alterações².

² No artigo da revista Estudos Surdos: novas perspectivas - volume III, o Surdo Roberval descreve os primeiros sinais em Libras de Pernambuco, que hoje foram mudadas. Por exemplo: feio, mal, fofoca etc.

Todos os Surdos estão ligados por um código de formação visual independente do nível lingüístico (STROBEL, 2008). Ou seja, os Surdos utilizam a visualização e os ouvintes utilizam a audição. O Surdo, por exemplo, consegue andar ao mesmo tempo em que escreve a mensagem no celular, diferente dos ouvintes. Os ouvintes esquecem de colocar avisos visuais para os Surdos, por exemplo: o número da fila no médico ou no banco, há necessidade da acessibilidade através daquela máquina que mostra o número que está sendo chamado para o Surdo ver.

Alguns lugares já foram conquistados pelos sujeitos Surdos através da sua língua de sinais, políticas Surdas e a vida social Surda, mas existem muitos ouvintes que se aproveitam dos lugares conquistados pelos Surdos para ensinar a língua de sinais e fazer outras atividades.

Os Surdos tem motivação de valorizar e absorver a identidade através da língua de sinais, como os autores Surdos Perlin e Miranda, citados por Karin Strobel (2008, p. 39), explicam sobre a experiência visual:

Significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Segundo Karin Strobel (2008) existem vários artefatos culturais do povo Surdo, entre eles os livros ou materiais informativos para estudar, pesquisar, conhecer, ler e ver. É preciso analisar o processo histórico mostrando as transformações nas relações da sociedade com a natureza, entendendo diferenças das culturas. Apesar dos muitos conceitos que os pesquisadores vêm elaborando sobre cultura, ainda é um termo que continua não tendo limite nas definições. A cultura tem herança, cada geração e sujeito também pode mudar muitas e diversas naturezas, tornando a cultura maior. Os povos Surdos usam inúmeros meios de se comunicar através do compartilhamento da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais e imagens visuais. Isso, é a literatura Surda.

Esta mesma autora diz que os estudos e as pesquisas sobre cultura apresentam variações e conhecimentos sobre as diferenças dos mundos. As pessoas que não conhecem as várias culturas e pensam no mundo como única cultura, geralmente, usam as idéias tradicionais e as imaginações limitadas, compreendendo a cultura apenas através das manifestações artísticas, por exemplo: as festas e os eventos tradicionais, as comidas, etc. As ideologias de padronização e de normalização são estruturas da cultura única, isto é, a sociedade que tem desejo de sermos perfeitos para formar a cultura única, por exemplo, não aceita a Libras, exigindo falar oral, assim, os Surdos são excluídos.

As pessoas tentam diminuir os Surdos para eles viverem isolados e tendo que assumir a cultura ouvinte, como se fosse cultura única; ser “normal” para a sociedade precisa ouvir e falar oralmente. Os ouvintes não prestam atenção aos Surdos comunicando-se através de Libras. Conseqüentemente, não acreditam que os Surdos sejam capazes, por exemplo, de estudar em faculdade, mestrado, doutorado. “Os sujeitos ouvintes vêem os sujeitos surdos com curiosidade e, às vezes, zombam por eles serem diferentes” (STROBEL, 2008, p. 22). Mesma coisa sobre os negros, os brancos queriam que fosse possível consertar a pele, os negros seriam brancos, ou seja, têm esperança da possibilidade de fazer uma cirurgia para a “cura” dos Surdos, dos negros, etc. Por isso estão acostumados com padrão “normalizador” para integrar à vida social.

Mas, nós sabemos que não é questão dos sujeitos Surdos serem isolados da comunidade ouvinte, e sim que eles se sentem mais motivados a valorizar a condição cultural de ser Surdo quando convivem na comunidade Surda, ficam mais orgulhosos e autoconfiantes na construção da identidade, entram na relação intercultural, entendem as diferenças dos outros mundos e das culturas, como o sujeito “diferente” e, não aceitam ser chamados de “deficiente”.

O Surdo, primeiramente, sofre com a solidão e se sente único, depois descobre a outra identidade, coletiva, da comunidade Surda, absorve por meio do olhar para transformar a sua vida com a aceitação da língua e da cultura Surda e, pode descobrir a realidade do mundo.

A maioria das famílias ouvintes de crianças Surdas, dentro da cultura ouvintista, não aceita levar a criança para freqüentar a escola dos Surdos. Então,

elas crescem sem contato com Surdos da comunidade Surda e não se desenvolvem. Essas crianças não usam as informações rotineiras, pelo limite de comunicação, ou seja, as crianças Surdas não escutam as conversas das outras pessoas e por isso não absorvem as informações que estão nessas conversas sonoras.

Sabe-se que, freqüentemente, o processo de transmissão da cultura Surda acontece com muitos Surdos quando já estão adultos, isso é muito atraso, prejudica a vida do Surdo, que tem dificuldade para ter limites. Se as crianças Surdas estudam nas escolas de Surdos é mais fácil de absorver as informações, comunicando-se com Surdos adultos as crianças Surdas se desenvolvem.

Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações. (WALLIS apud STROBEL, 2008, p. 40)

Como Karin Strobel (2008) diz, é muito importante para refletir seriamente sobre trazer as crianças Surdas ao contato com Surdos adultos para compartilhar do sentimento identificador cultural. Isto evita a dúvida da realidade com o “olhar” limitado, futuras angústias e ansiedades pesando nas reflexões do sujeito Surdo.

Imaginar que Surdo oralizado tem dificuldade de comunicar-se com o mundo ouvinte e sente solidão. Vive na tradição da cultura ouvinte e não sabe os motivos de muitas coisas em razão de fatores sociais, sentindo tratamento meio infantil. Os Surdos oralizados freqüentam a fonoaudiologia e, geralmente, não se encontram com sujeitos Surdos da comunidade Surda, usuária da língua de sinais.

Em sua tese de doutorado, Karin Strobel escreveu: “Eu, por exemplo, procurava ler os lábios, mas após uns 10 minutos os meus olhos começavam a arder, cansavam e eu desistia de prestar atenção nas aulas e ficava ‘olhando-para-a-parede’. Acho que se tivesse ‘diploma’ para o total das horas ‘olhando-para-parede’, eu bateria recorde por toda a minha vida escolar ‘inclusiva’.” (2008b, p. 16).

Padden e Humphries explicam sobre o que é comunidade Surda:

“Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus

membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar.” (apud STROBEL, 2008, p. 30)

Assim, a comunidade Surda pode ter Surdos e ouvintes como, por exemplo, os intérpretes de Libras. Porque os ouvintes ajudam para resolver problemas que necessitem da comunicação auditiva, por exemplo, ligar para o governo, para ambulância etc.

Há um sentimento de solidariedade, amizade e compartilhamento quando um Surdo traduz para outro Surdo. Pode-se afirmar, pela nossa experiência, que o Surdo quando faz uma tradução do português para Libras e vice-versa é um tradutor com toda a emoção que transmite. Mas, o ouvinte quando faz a tradução é um intérprete profissional que é pago para trabalhar. É muito importante ter intérpretes profissionais, principalmente que sejam éticos na forma de traduzir. Os Surdos, sempre ficam com medo do intérprete não ser fiel ao que está se falando. Quem pode denunciar se a tradução do intérprete na sala de aula, por exemplo, não é fiel ao que o professor ouvinte está explicando? A inclusão do Surdo na sala de aula da escola de ouvintes, com intérprete, cria uma tutela do intérprete em relação aos alunos Surdos. Nós precisamos que os intérpretes sejam fieis à comunidade Surda.

Como disse Strobel: “os membros de uma cultura surda comportam-se como sujeitos surdos e compartilham entre si das crenças de sujeitos surdos, sendo estes, pertencentes ao povo surdo” (2008, p. 31).

O povo Surdo precisa de duas línguas: a língua de sinais como primeira língua e a língua oficial do país, e, outras línguas, como segunda língua para interagir com a comunidade ouvinte, isso através de uma relação intercultural.

A partir da regularização da Lei que reconhece a Libras – Língua Brasileira de Sinais, resultado das lutas políticas das comunidades Surdas, os Surdos começam a ter sucesso nas universidades. Antes da Lei era muito difícil.

No grupo de email SURDOS-PE, Karin Strobel divulgou sobre primeira lingüista surda: “O Brasil já tem uma lingüista surda, a mestra surda Shirley Vilhalva

acabou de defender a sua dissertação de mestrado: ‘Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades lingüísticas indígenas de mato grosso do sul’ na área de lingüística na UFSC e foi aprovada com mérito! Parabéns a ela que é a primeira lingüista surda do Brasil.”

Se os Surdos não tivessem sido impedidos de ter a sua língua natural nas escolas, talvez hoje tivéssemos mais Surdos no campo da lingüística e educação. A triste história da educação de Surdos no mundo é o que as políticas públicas fizeram com os Surdos desde o Congresso de Milão, em 1880.

O congresso foi preparado por um grupo de ouvintes para mostrar o valor do método oral, por isso, foi prejuízo para comunidade Surda que tem identidade Surda e política Surda. Esse Congresso defendeu a substituição da língua de sinais pela língua oral na educação de Surdos como esperança de ter possibilidade de fazer “cura” da surdez através de treinar a ouvir e melhorar a fala oral.

O povo surdo tem a cultura surda, que é representada pelo seu mundo visual. No entanto, a sociedade em geral não a conhece e por isso nada deve ser dito sobre ela. Para representação social precisamos nos submeter à cultura do colonizador, neste caso a cultura ouvinte, na forma de como ela é. Segundo a sociedade colonizadora, nascemos num mundo que já existia antes de deparar com a existência do povo surdo e, deste modo, devemos nos adaptar a este mundo e aprender com ele. Esse mundo colonizador sobreviverá com a nossa estadia, sendo só permitido ao povo surdo o esforço na tentativa de se igualar aos colonizadores, isto é, aos sujeitos ouvintes, procurando agradar a sociedade usando as identidades mascaradas. (STROBEL: 2007, p. 31)

O índio tem orgulho da vivência do costume através da diferença cultural, então é natural cada uma das identidades próprias. Os Surdos, que vivem na diferença cultural através da língua de sinais, sentem orgulho da sua língua.

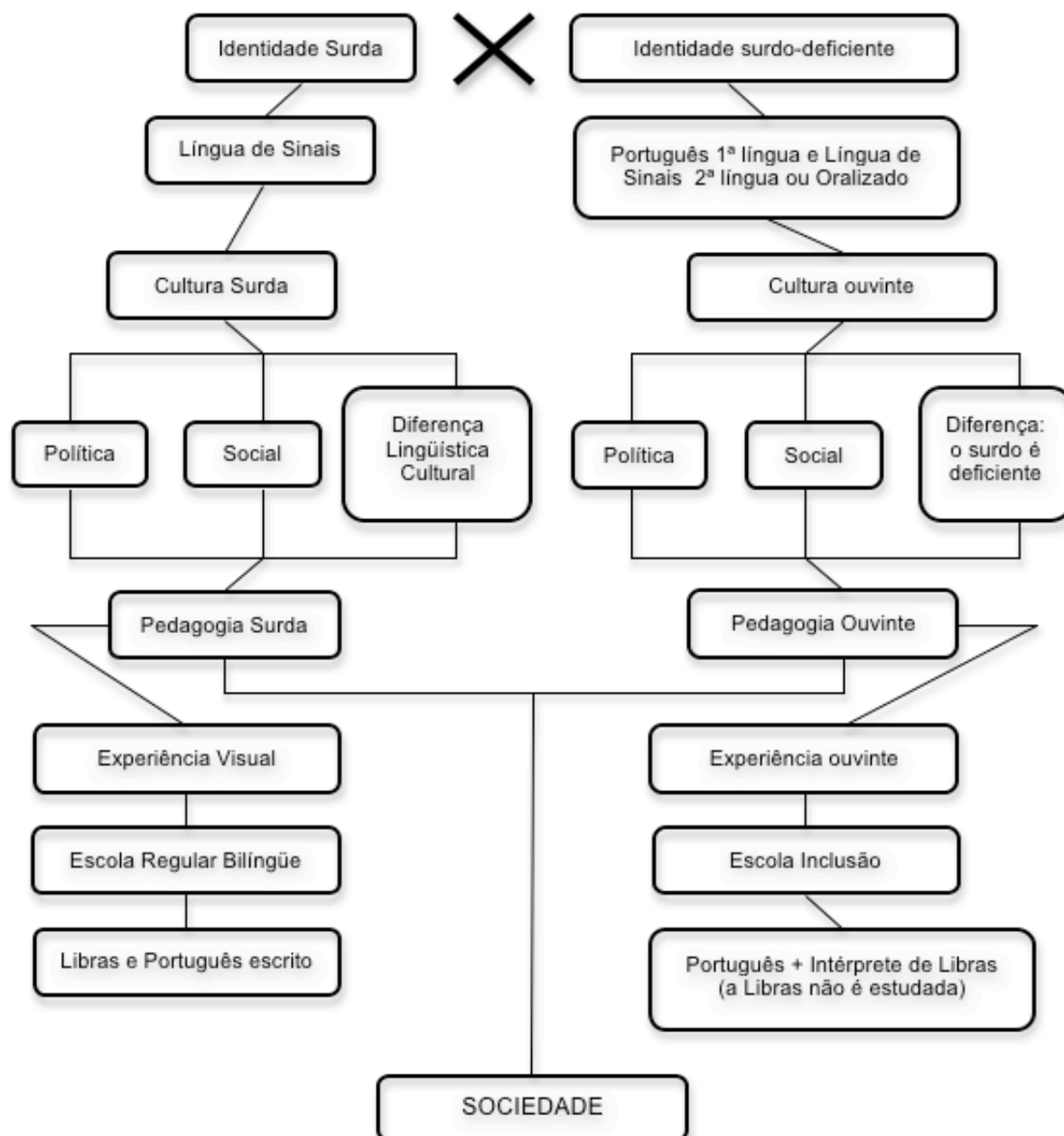
(...) não é só o orgulho que eles têm da sua língua e da sua cultura. É o próprio orgulho de ser surdo, (...) diga para um ouvinte: “Eu tenho orgulho de usar a língua de sinais brasileira”. Qual pode ser a reação dele? Ele pode pensar, “Sim, claro! Os gestos são muito bonitos e expressivos!” Mas não é por isso que você tem orgulho! Você tem orgulho porque quando você usa a língua de sinais, você pode ser surdo e feliz ao mesmo tempo. (MCCLEARY apud STROBEL, 2007, p. 32-33)

Até hoje, os Surdos sempre lutam pelos seus direitos sem perder a esperança. Continuam a proteger a construção da própria identidade. Nunca devem parar. Se, por exemplo, acontecer o fechamento das escolas de Surdos, pode-se fazer a revolução através de passeatas. Isso é a motivação de mostrar as diferenças políticas e as passeatas têm que continuar, sempre.

Os povos surdos estão cada vez mais motivados pela valorização de suas “diferenças” e assim respiram com mais orgulho a riqueza de suas condições culturais e temos orgulho de sermos simplesmente autênticos “surdos”! (STROBEL, 2007, p. 34)

Elaboramos uma figura, mostrada a seguir, que explica a comparação dos dois mundos, Surdo e ouvinte. Há os que preferem conviver no mundo ouvinte, são oralizados, que não sabem a língua de sinais. Também existem sujeitos Surdos que sabem a língua de sinais, mas não aceitam as identidades Surdas e, vivem no mundo ouvinte, querendo apenas encontrar-se com outros Surdos através da língua de sinais. Assim, depende de como cada Surdo se vê, e de como cada um sente o viver como “deficiente” ou como Surdo.

Existe uma polêmica sobre os dois termos: “Surdo” e “deficiente auditivo”. “Surdo” é pessoa que não aceita o tratamento do ouvido através do médico, enquanto o “deficiente auditivo” aceita. Nessa figura mostramos que o trabalho ouvintista não tem metodologia do ensino sobre as histórias Surdas, o conceito da cultura Surda e as várias diversidades. A pedagogia Surda tem a metodologia que fala sobre a gramática da língua de sinais. E a pedagogia ouvinte enfoca a gramática da língua portuguesa. A identidade Surda é aquela na qual os sujeitos Surdos aceitam conviver no mundo Surdo, por isto, é importante a escola regular bilíngüe para Surdos. Para os Surdos o principal é a identidade que as pessoas encontram entre si. Isso só acontece na convivência no mundo Surdo através da língua de sinais e do respeito às diferenças, para não sofrer com a discriminação ouvintista.



Assim, essa figura mostra o que o povo Surdo faz com a própria decisão ou não, porque, por enquanto, muitos Surdos não sabem sobre a realidade da cultura Surda e não tem escolha sobre o qual caminho seguir. Esse tema sobre o mundo Surdo, significa a distinção entre a cultura dos Surdos e a cultura dos ouvintes através da vivência com as diferenças.

A desigualdade entre Surdos e ouvintes ainda vai continuar, porque o povo Surdo ainda não tem pedagogos Surdos suficientes para trabalhar nas escolas de Surdos; porque há necessidade de mais Surdos no campo da lingüística,

defendendo, cientificamente, a língua dos Surdos; e ainda, a adoção de um ensino de qualidade que divulgue a cultura Surda, e cada vez mais, desenvolva pedagogias que sejam o espelho da forma dos Surdos verem o mundo.

Os Surdos lutam e organizam o movimento de Surdos, fazem passeatas pelos direitos dos Surdos. É muito importante mostrar a naturalidade de viver com a realidade, aceitando as diferenças, viver no mundo Surdo através da língua de sinais. Atualmente, as pessoas Surdas que fazem ciência, mostram as defesas através dos Estudos Surdos para proteger-se contra a ideologia. Se os cientistas Surdos desistem, o caminho muda, pode aumentar a ideologia dos ouvintes. Por isso é necessário mostrar o movimento de Surdos, senão o povo ouvintista pode aumentar o poder como ditadura, defender e impor as suas idéias de ouvintes.

2º CAPÍTULO – PASSEATAS DOS SURDOS

A história dos Surdos faz a marcação dos acontecimentos históricos com os Surdos, que tem uma língua, uma identidade e uma cultura que são do mundo Surdo. O movimento dos Surdos procura mostrar ao outro mundo, ouvinte, sobre a realidade e o sofrimento dessa desigualdade. Apesar de serem diferentes o que queremos é ter os direitos Surdos. Os Surdos começaram a conquistar grandes vitórias através das afirmações da realidade do mundo Surdo.

No dia 26 de setembro, Dia Nacional do Surdo, a comunidade Surda brasileira comemora, lembrando as lutas históricas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania. Esse dia é a data da fundação da primeira escola para os Surdos no Brasil, chamada de Imperial Instituto de Surdos Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES), criada em 1857, quando o imperador Dom Pedro II deu recursos financeiros e o francês Éduard Huet veio para o Rio de Janeiro para ensinar aos Surdos.

Hoje, o INES não representa o mundo Surdo, pois é uma escola pensada por ouvintes para Surdos. O professor Surdo Eduard Huet não conseguiu manter sozinho uma escola para Surdos? Ele foi embora para o México, mas será que já foi feita uma pesquisa para saber por que Huet saiu do Brasil? O INES publica e divulga, na sua maioria, trabalhos e artigos de ouvintes sobre Surdos. Nós entendemos a importância dessa escola para o Brasil, mas precisamos repensar a ideologia desse instituto.



Éduard Huet

No dia 26 de setembro sempre acontece passeatas de Surdos aqui no Brasil. Mas, antes vamos lembrar um pouco da história dos Surdos.

2.2 - Um pouco da história dos Surdos

Através de um vídeo em Língua de Sinais Francesa (LSF), disponível na internet, destaca-se alguns fatos importantes da história das lutas dos Surdos no mundo³.

No século XVIII o abade de L'Épée criou a primeira escola pública para Surdos, na qual os Surdos se expressavam em língua de sinais, adquiriam os conhecimentos através da sinalização e passavam para o francês escrito. L'Épée formou muitos professores Surdos em língua de sinais; criou um método de ensino apoiado em sinais, chamado de "sinais metódicos", parecido com o que atualmente se chama francês sinalizado, mas o vocabulário utilizado foi criado na comunidade Surda, pois os Surdos sempre se comunicaram entre si por gestos. O abade L'Épée acreditava na língua dos Surdos.

Nessa época aconteceu a Revolução Francesa que reconheceu o trabalho do abade de L'Épée. Em 1790, ele recebeu a honra de "benfeitor da humanidade". Entre 1789-1790 a Revolução Francesa reconhecia todos os direitos lingüísticos do homem. A liberdade de expressão e comunicação: falar e escrever livremente, de ler as leis e os decretos nas diferentes línguas regionais e, também, os Surdos podiam se expressar em LSF. Foi um momento bom para o reconhecimento da liberdade do homem.

³ O texto desta seção, sobre história dos Surdos na Europa desde L'Épée até o Congresso de Milão foi feito com base na tradução de um vídeo em Língua de Sinais Francesa (LSF), do site da FRANCE5 - L'OEIL ET LE MAIN. La voix au chapitre. In: <http://www.france5.fr/oeil-et-main/archives/24195747-fr.php>, acessado em 10/09/2009.

Antes do abade de L'Épée, a grande maioria dos Surdos eram trabalhadores artesãos ou mendigos. A ação do abade permitiu aos Surdos aprender o francês escrito, conquistar profissões melhores e ter uma vida melhor, mas não tinha ainda reconhecimento da identidade Surda. Antes, existiam Surdos que sabiam ler, mas eles não eram percebidos. Depois, aumenta o número dos Surdos que sabia ler e escrever, então começaram a aparecer professores Surdos para crianças Surdas, ainda no século XVIII.

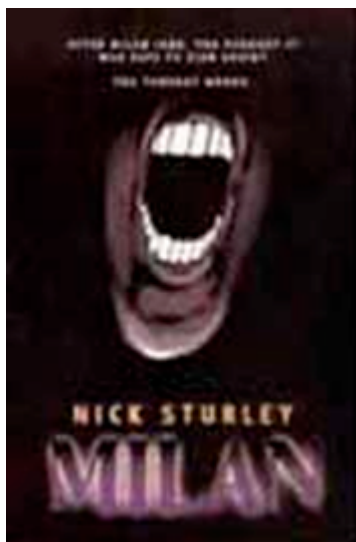
O abade de L'Épée tinha um rival chamado Pereira, defensor do método oral. Os netos de Pereira entre 1825 e 1835, começaram a colocar as idéias do avô na moda. Eles mexiam com muito dinheiro. Essa condição econômica permitiu-lhes a criação de uma escola, um laboratório de oralismo.

O período entre 1790 a 1820 é considerado como centrado no ensino da escrita e a situação começou a ficar difícil. Os Surdos começam então a se reunirem em associações e a agir. Em 1823, o novo diretor da escola criada por L'Épée, Saint Jacques, coloca o método oral. Os professores Surdos não gostaram e se mostraram contra as novas medidas. Havia professores ouvintes que ensinavam bem em LSF e defendiam esta língua. Bébien, um professor ouvinte que sinalizava como um Surdo, foi o líder da luta contra as novas medidas. Junto com ele vários professores Surdos lutaram. Todos ficaram contra as novas medidas, acontecendo uma revolta dos alunos que fazem uma greve. Uma greve de alunos em uma organização especializada contra a vontade de diminuir, progressivamente, a importância da língua de sinais. No século XIX houve outras lutas como esta.

Em 1878, em Paris, e em 1879, em Lyon, aconteceram Congressos sobre educação de Surdos, nos quais os Surdos puderam participar. Resultado: a manutenção da LSF com um pouco de oralismo. Então, os oralistas começam a organizar outro Congresso, pois queriam acabar com a língua de sinais.

Os Pereiras financiaram a participação de ouvintes no Congresso de Milão. A Itália foi escolhida porque tinha uma boa relação com a França e, porque em Paris os Surdos eram numerosos, em Lyon também, por isso os oralistas resolveram organizar secretamente um Congresso em Milão para impedir os Surdos de participarem.

O Congresso durou uma semana. A abertura ocorreu em setembro de 1880 e, reuniu especialistas em educação de Surdos. Havia cerca de 80 participantes pela França e 160 pela Itália e o total de participantes era, aproximadamente, 260, sendo uma minoria a representação dos outros países.



Nick Sturley, Milan 1880⁴.

Os oralistas selecionaram algumas crianças Surdas italianas e as apresentaram para a assembléia. Todas tinham uma voz magnífica, prova do sucesso do oralismo, mas na verdade estas crianças tinham ficado Surdas pouco tempo antes, assim, tinham conservado suas vozes. A assembléia votou sim ao oralismo: 80% dos franceses e italianos votaram a favor e os americanos, ingleses e suecos foram contra. A língua de sinais foi então totalmente e, oficialmente, excluída. O Congresso optou pelo oralismo puro (100%).

Apenas um Surdo conseguiu participar desse Congresso, pagando a sua inscrição. Ele não teve chance de defender as políticas Surdas. Os oralistas eram muitos e não tinha intérprete. Talvez ele não tenha compreendido o que aconteceu porque não podia se comunicar em língua de sinais.

Os americanos, com sua tradição gestual, consideraram o que estava acontecendo como “um golpe”. Foram embora antes do fim do Congresso, batendo

⁴ Nick Sturley, Milan 1880. In: <http://www.milan1880.com>, acessado em 10/09/2009.

a porta. O Estados Unidos foi o único país que não seguiu as recomendações de Milão.

Na época, era forte a teoria da evolução: a Europa era forte, poderosa, construía fábricas e navios a vapor; a América era subdesenvolvida. Esta ideologia tinha uma hierarquia de raças e os europeus de pele branca estavam no topo da escala. Existia a ideologia do controle social e do corpo, chamada de higienismo. Falar por gesto era considerado como não controle do corpo, por isso o preconceito com os Surdos sinalizados.

Depois do Congresso de Milão, nos Institutos, os Surdos sinalizados e os oralizados foram separados. Eles não tinham nenhum contato, pois tudo era organizado para evitar que eles se encontrassem, visando cortar os laços que os uniam. Em 1886 os estabelecimentos escolares tornaram-se totalmente oralistas. As crianças não sinalizavam. Os Surdos mais velhos tentaram transmitir a língua de sinais nos finais dos cursos, mas era insuficiente. A ligação entre as gerações vai pouco a pouco se enfraquecendo. Até maio de 1968 a questão não foi mais debatida. Após maio de 68 todas as questões sobre as liberdades sociais voltaram.

ABREU (2007) diz que a maioria das escolas de Surdos no mundo abandonou a língua de sinais por causa do Congresso de Milão.

“Isto foi consequência do famoso Congresso de Milão de 1880, quando, a despeito do que pensavam os surdos (maiores interessados, e que sequer foram consultados), considerou-se que a melhor forma de educação do surdo, seria aquela que utilizasse unicamente o oralismo. Percebe-se, mais uma vez, a clara (e nefasta) tendência do homem à padronização: considerava-se que o surdo, para viver em sociedade, deveria conseguir "ouvir" (com o uso de aparelho e apoiando-se em técnicas de leitura labial) e "falar" (através de exaustivos exercícios e, em último caso, da comunicação escrita) com o ouvinte, devendo superar a deficiência, o defeito de nascença, para poder ter o direito de conseguir viver e ser aceito pelo seu grupo social. A partir do Congresso de Milão, a oralização passou, então, a ser o objetivo principal da educação das crianças surdas. Mas para que elas pudessem dominar a língua oral, o ensino de disciplinas como História, Geografia e Matemática, foi relegado a segundo plano. A queda do nível de escolarização do surdo foi inevitável.” (p. 8)

Assim, depois do Congresso de Milão iniciou-se a perda do desenvolvimento dos Surdos, pois pararam de lutar pelos seus direitos, e os oralistas foram vencedores na guerra entre oralização e língua de sinais. Os Surdos sofreram por ter de esconder a língua de sinais da sociedade ouvinte, porém todas as línguas de sinais conseguiram sobreviver. Os Surdos não eram tão ingênuos como os ouvintes pensavam.

2.2.1 - Os Surdos fazem greve de 7 dias nos Estados Unidos

Pesquisando na internet e em livros, é possível encontrar vários relatos de outro acontecimento importante da história dos Surdos, a revolução na Universidade Gallaudet, nos EUA, movimento que ficou conhecido como DPN (Deaf President Now – Presidente Surdo Agora!)⁵.

Na universidade Gallaudet, nos EUA, em 6 de março de 1988, iniciou-se uma greve pelos estudantes revolucionando a percepção da cultura e da educação dos Surdos. Os alunos Surdos se revoltaram com a escolha de uma nova reitora ouvinte, Elisabeth Zinser, por causa de longo histórico de presidentes ouvintes na universidade de Surdos. Os alunos, professores e funcionários exigiram que o próximo reitor da universidade fosse Surdo. Depois de uma semana de protesto, Zinser desistiu e foi substituída por I. King Jordan, no dia 13 de março. Ele foi o primeiro reitor Surdo da Universidade.

Naquela época, no ano de 1988, havia mais de 100 pessoas Surdas com doutorados, e muitos Surdos que trabalhavam em cargos administrativos. Por isso, dois dos três finalistas para o cargo de reitor eram Surdos, muitas pessoas estavam acreditando que o próximo presidente da Gallaudet seria uma pessoa Surda. A Gallaudet já tinha cento e vinte e quatro (124) anos quando ocorreu o DPN. Foi o

⁵ A história do movimento DPN está no site da Gallaudet Universit: <http://pr.gallaudet.edu/dpn>, acessado em 10/09/2009.

resultado de muitos anos de opressão e de frustração por parte das pessoas Surdas que foram maltratadas, incompreendidas, ignoradas e subestimadas.

Quatro estudantes surgiram como líderes do protesto: Bridgetta Bourne, Jerry Covell, Greg Hlibok, e Tim Rarus. Elisabeth Zinser respeitando os estudantes Surdos que não a aceitaram como presidente da Gallaudet, foi obrigada a entregar o cargo.

Os jornais mostravam as revoltas dos estudantes Surdos em Gallaudet. Um líder surdo Greg Hlibok participou no jornal da TV, defendeu a proposta dos Surdos para a universidade. Ele apareceu no ABC's "Nightline" e "Good Morning America" e, foi nomeado pelo ABC's "Person of the Week" (Pessoa da Semana)⁶.



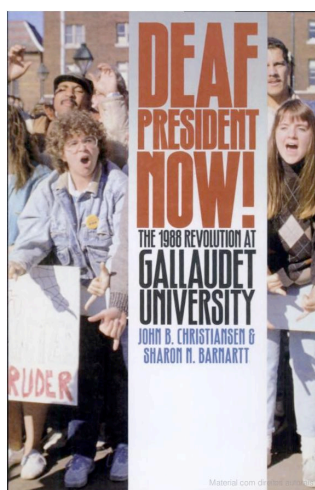
Elisabeth Zinser



Jornal mostrando a greve do Surdos



Os líderes do movimento



Capa do livro Deaf President Now! –
The 1988 Revolution at Gallaudet University⁷

⁶ GALLAUDET UNIVERSITY - DEAF PRESIDENT NOW ANNIVERSARY – PROFILES - Greg Hlibok. In: <http://pr.gallaudet.edu/dpn/profiles/hlibok.html>, acessado em 10/09/2009.

⁷ in: <http://gupress.gallaudet.edu/2877.html>, acessado em 10/09/2009.

A revolução em Gallaudet foi a mais importante da história dos Surdos, pois teve a greve e a passeata. Os Surdos venceram e foi eleito um reitor Surdo.

Esta universidade tem a memória de Thomas Hopkins Gallaudet, fundador da primeira escola para Surdos nos Estados Unidos. Um dos filhos dele fundou a Universidade Gallaudet. Thomas é considerado o pai da ASL que ajudava as crianças Surdas e deu início na educação de Surdos nos EUA. Até hoje é a única Universidade de Ciências Humanas do mundo bilíngüe Surdo.



Thomas Hopkins Gallaudet

A WDF (World Federation of the Deaf - Federação Mundial de Surdos), é uma organização internacional não-governamental que representa cerca de 70 milhões de pessoas Surdas em todo o mundo. Estima-se que mais de 80% dos Surdos vivem em países em desenvolvimento. O 1º Congresso Mundial da WDF aconteceu em Setembro de 1951, e escolheram o mês de setembro para celebrar a Semana e o Dia Internacional do Surdo (30 de setembro) como uma comemoração deste evento histórico. O objetivo da Semana Internacional de Surdos é chamar a atenção dos políticos, das autoridades e do público em geral para as realizações das pessoas Surdas e as preocupações da comunidade Surda. Também comemoram durante a Semana dos Surdos, no mês de setembro, o Dia Internacional das Línguas de Sinais para mostrar o valor delas.



Logomarca da WDF⁸

⁸ World Federation on the Deaf: <http://www.wfdeaf.org>

2.3 - Os movimentos de Surdos no Brasil

As associações de Surdos são as mais importantes representantes da comunidade Surda brasileira. São guardiãs da língua de sinais, pois antes delas os Surdos conviveram na rua e não se desenvolviam. Viviam isolados com seus problemas. Nessas organizações os Surdos se reúnem para trabalhar, encontrar-se, trocar idéias, compartilhar informações sobre comunidade Surda e a Língua de Sinais. Antes não existiam as associações de Surdos e, os Surdos quiseram ter um lugar para continuar os contatos sociais através da Libras, entre ex-alunos de escolas, por exemplo. E, agora, no Brasil, tem muitas associações de Surdos com oportunidades de oferecer mais contato entre os Surdos, possibilitando o conhecimento de outros estados da federação. Fazem campeonatos como a LINEDES (Liga Nordestina Desportiva de Surdos), eventos de lazer, festas e desenvolvem políticas para Surdos através da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), por exemplo.

Em 1977 foi fundada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), mas era dirigida e formada apenas por pessoas ouvintes. Em 16 de maio de 1987, em Assembléia Geral, a nova diretoria reestruturou o estatuto da instituição, que passou a se chamar Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional tendo por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda brasileira e, é filiada a Federação Mundial dos Surdos (WDF). A FENEIS nacional (Rio de Janeiro) tem ligação com os outros estados que tem FENEIS regionais, isso é muito importante para desenvolvimento das comunidades Surdas.

Como se observou anteriormente, os Surdos estão mais conscientes de seus direitos e têm lutado bastante pelo reconhecimento de sua língua e cultura. Por exemplo, a publicação no jornal "Agência de Notícias": "Professores e alunos se mobilizam pela manutenção de escolas para surdos no RS que teve Assembléia Legislativa no dia 04/11/2008 sobre o apoio dos parlamentares contra o fechamento

de escolas para surdos no Rio Grande do Sul e a abertura de classes especiais em instituições regulares, em vez de integrá-los em turmas comuns.”.

Os sujeitos Surdos ficam revoltados e reclamam por falta de acessibilidade, falta de intérprete, intérpretes fracos, escola “inclusiva”, falta de escolas de Surdos públicas etc. São esses problemas e, a cegueira dos dirigentes públicos que continuam a não discutir com os Surdos sobre o que é melhor para eles, que os levam a organizar as passeatas no Dia Nacional dos Surdos.

2.4 - Metodologia da pesquisa

A idéia de fazer este trabalho sobre a passeata do Recife como monografia, surgiu durante a discussão da pesquisa “Figurações Culturais”, que foi realizada pela turma do curso de pós-graduação e orientada pelos professores do curso. Nessa pesquisa, contribuíram, os 5 alunos Surdos, na elaboração do questionário, especificamente, do questionário para ser aplicado com os estudantes Surdos da rede estadual, do ensino fundamental II, médio e universitário. Levantou-se mais de 250 perguntas e foram selecionadas 156 para serem aplicadas por Surdos para Surdos. Os alunos Surdos do curso de pós-graduação sinalizaram as perguntas de forma a facilitar a compreensão para os Surdos responderem.

Toda essa discussão em sala de aula, no curso de pós-graduação, foi importante para se estabelecer o perfil dos Surdos da rede estadual de ensino e desenvolveu-se uma motivação e vontade de pesquisar e fazer história. O Dia Nacional dos Surdos estava próximo e, as reuniões para organizar a passeata estavam acontecendo. O professor de sociologia demonstrou interesse em acompanhar e registrar a passeata dos Surdos. A partir desse momento, iniciou-se a organização e o registro da passeata de 2008.

Definiu-se o uso da filmadora como um dos instrumentos da coleta das entrevistas e da visão do todo da passeata. Foram registrados também fotografias e

filmagem por celular. Toda essa documentação foi trabalhada e editada, fazendo parte da metodologia e, o conteúdo foi analisado para a construção deste trabalho.

Faz parte da metodologia, também, as duas entrevistas gravadas em vídeo com Antônio Campos de Abreu, o primeiro Líder Surdo no Brasil a organizar uma passeata de Surdos e, Antônio Cardoso, da FENEIS do Recife.

2.5 - História das passeatas de Surdos no Brasil: luta e comemoração

Para saber sobre história das passeatas de Surdos no Brasil, entrevistamos Antônio Campos de Abreu, um líder Surdo Brasileiro que mora em Belo Horizonte e um dos principais responsáveis pelo início da passeata de Surdos no Brasil.

Segundo Antônio Campos, ele influenciou o povo Surdo em Belo Horizonte, através de 5 movimentos e, conseguiu mostrar que é importante os Surdos andarem a pé na rua, para mostrar à sociedade e à mídia sobre a cultura Surda. Ele organizou o primeiro Dia dos Surdos em Belo Horizonte, com homenagem aos Surdos entre várias identidades, teve palestras, teatro, etc. para os Surdos desenvolverem-se e mostrarem sua capacidade. E depois começou a espalhar-se para todo o Brasil.

Em 1999, no V Congresso Latinoamericano de Bilingüismo e Educação de Surdos - organizado pela WDF, realizado em Porto Alegre/RS, com o tema “A EDUCAÇÃO QUE NÓS SURDOS QUEREMOS”, Antônio Campos pediu a todos os Surdos, principalmente das associações de Surdos, federações de Surdos para participarem com seus representantes, para defender a cidadania dos Surdos ao governo. Isso teve aceitação geral e nunca vai acabar com a passeata.



Antônio Campos explicou, através da entrevista em Libras⁹, a história das passeatas de Surdos no Brasil:

“Antigamente aqui no Brasil não tinha organização, movimento nenhum, nada. [...] Eu tive uma idéia, primeiro fiz um projeto e entreguei ao vereador: “DIA 26 SETEMBRO”, e ele me perguntou: “Porque dia 26 de setembro?”. Eu respondi: “porque é o dia próprio do Surdo por causa de criação da escola”. Depois a Lei estava pronta, ok. Marcamos o dia, a primeira vez foi aqui na FENEIS, convidamos as pessoas para vim aqui. Começou aqui, aquele vereador veio, ficou observando a festa e os Surdos. Depois de um ano, marcamos de novo, chamamos os representantes de associação de Surdos, representante de escola, formamos um grupo para combinar, organizar tudo. Perguntei para eles “como?” e os surdos ficaram calados. Eu tive uma idéia: “é melhor na rua, passeata”. Surdos falaram: “Rua?! Duvido! Todos nos olhando e zombando por sermos Surdos, a polícia vai nos bater”. Falei: “não, pode sim! Precisamos ter coragem!”. Ok! Organizamos, entregamos pedido na prefeitura, na polícia, avisando que marcamos em um lugar principal no centro da cidade. Os surdos do grupo estavam com medo: “passeata?! Se nos enganarem e nenhum surdo for lá? como?”. Eu disse: “vamos tentar”. No dia marcado, fomos lá, estávamos esperando, às 12h as pessoas começaram a chegar e foi aumentando o grupo, tinha muitas pessoas, ótimo! A polícia estava lá, iniciamos a passeata... Tinha faixas com reclamações, sobre identidade, trabalho, escola ruim, muitas pessoas caminhando segurando as faixas. As crianças das escolas também estavam caminhando. Os ouvintes nos carros estavam buzinando, então falei: “são todos Surdos”... “todos Surdos?!”. Continuamos em passeata até a prefeitura, entregamos um documento com as pautas sobre os problemas, escola fraca, etc. Jornal e televisão foram entrevistar e tirar fotos, pronto. Continuamos a passeata até a sede do governo, falamos e explicamos novamente as pautas, deu certo, pronto! Continuamos a passeata, foi de 12 horas até às 5 horas. Os surdos estavam aliviados e felizes! No outro dia teve as fotos nos jornais,

⁹ Nesse trabalho, optamos por preservar as características originais dos discursos dos Surdos entrevistados. Foi feita uma tradução da Libras para o português escrito, mantendo a linguagem “informal” utilizada pelos entrevistados, garantindo a autenticidade das informações.

apareceu na televisão, ficamos felizes! No outro ano marcamos de novo, os surdos aceitaram. Perguntei quais as pautas, com diálogo, como no ano anterior no outro ano novamente. Os Surdos aceitam as pautas, vamos fazer festa e foi crescendo.”

A Lei do Dia dos Surdos em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, foi aprovada em 03 de setembro de 1999 (Lei nº 7.793), Dia Municipal dos Surdos. Por exemplo, no dia 26 de setembro de 2002 teve passeata, ocorreu a reclamação e a FENEIS organizou um documento sobre direito à educação, escola para os Surdos e a Língua de Sinais, com apoio das comunidades Surdas como associação de Surdos, escolas e outros, por exemplo a Cooperativa Pe. Vicente de Paulo Penido Burnier.

Sobre o Dia dos Surdos em Minas Gerais, o governador do estado, Aécio Neves, instituiu o Dia Estadual dos Surdos através da Lei 16.500, de 21 de dezembro de 2006, marcando o dia 26 de setembro como data oficial da comemoração pelo Dia do Surdo no estado. Em outros estados do Brasil também existem Leis reconhecendo esse dia de comemoração para os Surdos.

Mas a Lei federal (LEI Nº 11.796) só foi aprovada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 29 de outubro de 2008, afirmando neste país o dia 26 de setembro como Dia Nacional dos Surdos.

Antônio Campos contou sobre outros países:

“Depois organizamos documento enviamos para mundial [WDF], lá na Europa. Lá acharam estranho: “Brasil tem passeata?! Como?”, mostramos as fotos. Europa e EUA tem poucas passeatas, nem é famoso. Então combinaram, França, Europa e espalhou, sobre reclamação, marcar dia de passeata. Aqui no Brasil dia 26, Europa dia 30, dia 20, varia... os anos passaram. Eu lembrei que primeiro foi aqui no Brasil a passeata, depois espalhou. Mas falam que antes já, já, já... primeiro foi aqui. [...] Eu soube, lendo, informação, pesquisando: Mundo tem passeata? Há dúvida. Vi, confirmado, em livro da França, sobre Dia do Surdo não, antes, qualquer coisa... por exemplo: Surdos combinam reclamar com governo dentro da França sobre educação[...].”

Explicou sobre INES e datas importantes:

“[...] A Lei do dia 26 de setembro de 1857 é lei da escola. Por isso aproveitamos o dia 26, porque os Surdos entraram dentro da escola, é dia dos Surdos, é começo da história, [...] Quem ajudou foi o rei Dom Pedro II[...] Obrigado rei Dom Pedro II salvou desenvolvimento dos Surdos. O INES, tem Lei, documento,

Surdos estudarão para sempre lá. Também a comemoração do Dia do Surdo, se não tem Lei ignoram a festa. Mostra que tem lei, marca festa. Também a Lei de Libras, dia 24 abril, vocês decorem... sempre nos anos, fazer festa igual a “Parabéns, conseguiu Libras na Lei”. [...] Festa de Libras e festa Dia do Surdo, essas duas são importantes, outros não, decorar essas duas que são importantes”.

Percebe-se que a passeata é um movimento muito importante para o desenvolvimento da comunidade Surda brasileira. Assim, no dia 1º de junho de 2009, ocorreu uma passeata pelas ruas do Centro de Curitiba (Paraná). Tratava-se de um protesto realizado por Surdos, professores e familiares em defesa dos direitos dos Surdos na educação pública daquele estado. De acordo com a FENEIS, mais ou menos 500 pessoas participaram do movimento, tendo sido encerrado em frente ao Palácio das Araucárias, sede do governo estadual.

Foi cobrando maior conhecimento e divulgação da língua de sinais, pois aquele dia não era Dia Nacional dos Surdos, mas, os Surdos estavam revoltados. Entre as principais reivindicações do grupo estavam a contratação imediata de professores Surdos e intérpretes de Libras para trabalharem em todas as escolas do estado; o ensino de Libras nos cursos de formação de professores, em universidades públicas e privadas; além do ensino de Libras nas escolas onde estudassem alunos Surdos. Isso foi mostrado em vários jornais, televisão e internet.



Passeata de Surdos pelas ruas do Centro de Curitiba-PR, em 2009.



Passeata de Surdos pelas ruas do Centro de Curitiba-PR, em 2009.

Antônio Campos de Abreu contou como espalhou-se a idéia da passeata para todo o Brasil e, sobre seu contato com Antônio Cardoso:

“Ali em cada estado eu encontrei e informei, ficaram impressionados e perguntaram: ‘será possível?’. Até que encontrei com Antônio Cardoso e conversamos, eu disse que é possível tentar melhorar através da passeata. Ele perguntou ‘como?’ e eu informei os passos, o planejamento. Ele ficou sabendo que é necessário representantes da associação de Surdos, ASSPE, SUVAG etc. Antônio Cardoso planejou e organizou. Eu tinha dúvida se ele conseguiria ou não, mas deu certo a passeata, ótimo! Uau! Eu fiquei sabendo que entrou na sede do governo como reunião aberta. Mas aqui é diferente, pois passeata aproxima ao prefeito que vai na rua, entregamos algo a ele que apenas aperta a mão, observa, somente... Lá [Recife] enfrenta ao governo em pessoalmente através da reunião, explica sobre os Surdos, com as reclamações para mudar o planejamento e o governo escuta, tiram as fotos lá dentro do governo, que legal. Mas aqui é diferente. E, também, em outros estados que tem as passeatas, às vezes aparecem os deputados e outros. Recife é perfeito, enfrenta dentro da sede do governo, a cada ano novamente o governo aceita. A passeata é mais importante assim, ótimo! Parabéns Recife, muitos parabéns!”

2.5.1 - As passeatas de Surdos em Recife-PE

A partir de entrevistas com Antônio Cardoso, levantou-se um pouco da história da passeata dos Surdos, em Pernambuco, que teve início em 2002.

Anteriormente, Antônio Cardoso participou de um encontro de instrutores de Libras, no qual conheceu Antônio Campos, depois, teve o 3º Encontro de Instrutores em Pernambuco, em 2001. Cardoso era coordenador e convidou Surdos de vários estados e também o presidente Nacional da FENEIS. Naquele momento Recife foi a cidade escolhida para ter uma sede da FENEIS (regional).

Em 2002 Cardoso foi ao Rio de Janeiro para uma reunião, encontrou-se, novamente, com Campos, que perguntou-lhe: "conhece a passeata?" e, esclareceu sobre a importância da passeata para os Surdos. Cardoso teve dúvida: "passeata tem confusão na rua... polícia bate". Campos explicou a sua experiência com a passeata em Minas Gerais e, então, Cardoso a aceitou. Em Libras, Antônio Cardoso explicou:

“[...] entrei na comissão de instrutores antiga, no momento eu não conhecia o significado e absorvi o que é ser “Instrutor”, antes não tinha Lei. Em seguida eu fiquei impressionado que no Nordeste tinha encontro, observei e perguntei "o que é encontro de instrutores?" e, fiquei sabendo que é importante. Lá eu conheci Antônio Campos, de Minas Gerais, convidado para o encontro, eu o vi informando a todos sobre as associações. Algum tempo depois, teve o primeiro encontro do Nordeste, o segundo foi em Natal-RN e o terceiro seria em Recife-PE. Eu estava com dúvidas e tive sorte porque um grupo me convidou para ir lá no MEC, em Brasília, que estava divulgando sobre instrutor, 72 instrutores do Brasil foram. No momento eu era coordenador da comissão de instrutores de Libras, estava organizando o 3º encontro de instrutores do Nordeste que ia ser em Recife. Aproveitei e resolvi procurar o presidente nacional da FENEIS, Antônio Mário, do Rio de Janeiro. Eu pedi-lhe para apoiar o 3º encontro do Nordeste em Recife e participar, ele aceitou e fiquei contente. Tive oportunidade de lá, pessoalmente, informar sobre o encontro do Nordeste, porque antes era por e-mail, difícil a comunicação, porque poderia acontecer de as pessoas não entenderem o que estava escrito. Por isso, lá em Brasília, eu aproveitei para chamar cada um dos líderes para se reunir comigo e, pedir-lhes, por favor, que cada um explicasse para os instrutores que precisavam ir para o encontro em Recife, eles aceitaram. Começou em 2001, nós discutimos nas palestras, com o grupo de instrutores. Quando acabou, Antônio Mário, Antônio Campos, Mariane Stumpf e Gisele Rangel conversaram e disseram que Recife era melhor, mais forte, por isso escolheram Recife para ter a nova FENEIS, eu fiquei surpreso, não esperava. Tudo bem, me escolheram e, eu quis ter contato com eles, pois

não queria fazer sozinho. Aceitei ser diretor, o início foi em 2001, mas eu estava procurando as coisas, então começou mesmo em 2002, fiquei aliviado. “O que é FENEIS?” Eu não conhecia e pensava, por costume, que era como associação, como a ASSPE. Mas, são diferentes associação e FENEIS. FENEIS é educação, trabalho, luta. Depois me chamaram para reunião no Rio de Janeiro, eu fui. Ele [Antônio Campos] me perguntou: “conhece a passeata?”, eu respondi que não. Ele me explicou que precisa fazer igual aos ouvintes negros, gays, mulheres.. que ficam revoltados e lutando na rua. Eu falei “desculpa, também surdo?!” e ele respondeu: “Tem sim! Como WDF informou”. Eu fiquei sabendo essa razão, impressionado. “Mas passeata? Como?”. Eu pedi para copiar os modelos, o grupo aceitou. Eu voltei para Recife e divulguei, alguém aqui ficou questionando se polícia poderia bater e eu disse que não. Eu procurei ter contato com aquele grupo que me ajudou e me mostrou o modelo, como fazer Ofício para polícia acompanhar, lugar seguro, várias informações, ser filmado, jornal etc. Eu fiquei sabendo e arrisquei, chamei intérprete para me acompanhar e fazer as ligações informando[...].”

Então, a passeata em Recife começou em 2002, segundo Cardoso os Surdos estavam preocupados porque era a primeira vez. Divulgaram nas escolas e em outros lugares, mas ninguém sabia para quê passeata e, Cardoso foi explicando que era Dia do Surdo, 26 de setembro, mas ainda não tinha a Lei.

Prepararam um documento com as reclamações dos problemas, sobre dificuldade de comunicação, saúde, escola, etc. para entregar ao governador Jarbas Vasconcelos. No dia daquela passeata, teve participação de, mais ou menos, 400 pessoas, das escolas Rochael, Pe. Henrique, Suvag, das associações ASSPE, de Caruaru e de Arcoverde. Começou a caminhada na Boa Vista e seguiu até a sede do governo estadual. Os policiais ficaram surpresos e perguntaram o que era, então Cardoso explicou que era Dia do Surdo e ninguém queria briga, permitiram que os representantes entrassem para conversar.

Mas, naquele ano, houve falha nas propostas, porque Cardoso não tinha experiência e preparou muito rápido. Depois, quando ele encontrou-se, novamente, com Campos, explicou o que aconteceu e, Campos aconselhou-lhe que seria melhor escolher um tema e não colocar todos os problemas (saúde, escola, trabalho, intérprete etc.) no mesmo documento, assim Cardoso foi compreendendo e desenvolvendo.

Atualmente tem mais compreensão através de contato com outros estados com objetivo de lutar pelos direitos dos Surdos, por exemplo: sobre saúde, falta de intérprete, dificuldade de comunicação com médico. Embora o número de intérpretes

esteja crescendo, mas, ainda falta ter trabalho com salário e contrato para esses profissionais.

Cardoso explicou sobre escolha do lugar para iniciar a passeata: Em 1990 a ASSPE fechou porque teve problemas. Após 1992, as mulheres Surdas participavam na reunião do MTC (Movimento dos Trabalhadores de Cristãos) com Virgínia¹⁰ que as ajudava para elaborar os projetos e informava os direitos das mulheres, contra as discriminações. Em 2000 a ASSPE fechou novamente e os Surdos não agüentaram ficar sem associação, sem um lugar de encontro. Então, começaram a freqüentar o shopping Boa Vista. Atualmente, muitos Surdos freqüentam mais o shopping do que a ASSPE. Cardoso observou que o shopping Boa Vista tem mais Surdos do que na ASSPE. Ele estava em dúvida sobre o local do encontro visando a preparação da passeata, achou que não era possível preparar a passeata na frente do shopping, então ele lembrou do MTC, que fica perto do shopping. Por isso ele decidiu que a passeata começaria na frente do MTC, porque os Surdos sabem onde fica e, também fica perto do shopping.

Em 2003, novamente aconteceu uma passeata, como Cardoso explicou:

“Em 2003, voltei a preparar, no momento teve a COMUDES (I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS), aproveitei para preparar a passeata junto, convidei a Surda Marianne Stumpf para participar. Ela tinha 3 projetos e me mostrou, eu copiei o modelo do “V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngüe para Surdos” lá de Porto Alegre, foi mais ou menos em 2000. Comecei a colocar os problemas no documento, outros Surdos queriam colocar outros temas, eu disse que não: “saúde, acessibilidade, não. Seria somente educação”. Eles entenderam a minha explicação. Então colocamos que a falta de intérprete é problema, discriminação, obrigação de escrever certo em português, concurso através da Libras. Organizamos, isto pronto, entregamos. Foi a mesma coisa aquela passeata, deu tudo certo e aumentou para uns 500 surdos, uau! Teve muitos surdos de escolas que estavam presentes. Caminhamos até a sede do governo, pressionamos para conversar sobre aqueles problemas que estavam no documento e aceitaram. O pessoal já estava sabendo através do jornal, pois teve passeata no ano anterior “primeiro” e neste ano “segundo”, os jornais informaram sobre o Dia dos Surdos. Nas famílias, as mães dos surdos falaram que Dia dos Surdos, é especial, isso foi espalhando e aumentando, através das pessoas que ouvirem falar. Quando a passeata terminou, ficamos aliviados. Conseguimos ali o concurso com intérprete, fiquei surpreso. Começou em 2003 a comissão de educação, mas nós, a comunidade surda, não podíamos entrar, apenas os ouvintes, ah é normal que acontece. Apesar da passeata eles não aceitaram os surdos e aproveitaram para escolher

¹⁰ É uma religiosa e intérprete, colaboradora dos Surdos desde a fundação da primeira associação de Surdos em Pernambuco. Foi a pessoa que conseguiu recursos para comprar a casa da associação dos Surdos, que depois foi invadida.

professores ouvintes para resolver a organização da comissão. Depois, no concurso do governo estadual, instrutor e intérprete, teve falhas e ninguém entendeu a prova. Ah, eu guardei isso, foi problema.”

Em 2004 o tema foi trabalho/empregabilidade, pois os Surdos tem muita dificuldade de conseguir emprego por causa do preconceito das empresas em relação à Libras. Cardoso falou na entrevista:

“No ano 2004, o tema foi trabalho/empregabilidade, foi a mesma coisa: um grupo para discutir as propostas. Sabe-se que para entrar em uma empresa tem discriminação, oralizados entram mais fácil na empresa, mas sinalizados não. Os surdos tem muita dificuldade de conseguir emprego por causa das empresas com preconceito da Libras. Eu coloquei os problemas que os surdos falaram, também convidei Ministério Público do Trabalho para fazer palestras, alguns meses antes, foram os fóruns, cerca de 6 vezes, uau! Tinha máximo de 50 ou 60 surdos por mês no fórum. Lá no MTC, sempre teve muitos fóruns, eu guardando tudo que eu via e convidei Ministério Público, foi perfeito. Marcamos a passeata, foi divertido e deu tudo certo, defendemos a Lei. Mas eu fiquei triste, pois algumas escolas continuaram, normalmente, as aulas, depois da passeata. Nesta passeata teve cerca de 400 pessoas, igualmente, caminhada até sede do governo, foi pela primeira vez que encontramos o vice-governador, mas, primeiro a gente participou na discussão com conselheiro, mostramos as propostas, nossas opiniões e terminou. Depois chamaram a FENEIS para reunião, fiquei surpreso, escolhi 10 representantes e fomos lá, frente a frente com vice-governador, foi Mendonça que era vice-governador, fizemos a discussão. Ele nos perguntou: “porque antes teve passeata?” e nós explicamos. Ele falou “certo”, perguntou se era verdade que Pernambuco tem problema de trabalho, eu disse que tem Lei de acessibilidade para trabalhar, vocês já sabem que tem 10% das vagas para trabalhar nas empresas, estávamos junto com representante do ministério público, ministério da justiça, e outros, isso é seguro, foi esperança, melhor”.

De 2005 até 2008, o tema foi acessibilidade, porque ainda não tinha sido resolvido muitas coisas. Os representantes Surdos sempre entram no Palácio das Princesas para reunião e debate com representantes do governo. Cardoso disse:

“Em 2005, político no governo era mesma coisa de 2004, ah! Eu aproveitei escolher ir à prefeitura, porque nunca estive antes. O pessoal aceitou [...], assumimos ir até ao prédio da prefeitura, o tema foi acessibilidade, que tem várias coisas. [...] Foi no auditório, no último andar da prefeitura com cerca de 450 pessoas. Estava presente o vice-prefeito e outras pessoas fizeram palestras, depois terminou, deu tudo certo. Já resolveu união da FENEIS + associações + prefeitura através dos representantes, tudo ok, pronto.”

“Em 2006, também teve passeata, mesma coisa, cerca de 400 pessoas, sobre o mesmo tema: acessibilidade.”

Nosso entrevistado relatou coisas importantes sobre a passeata ocorrida no ano de 2007, quando houve menos participação, de maneira geral, dos Surdos jovens e adultos, no entanto, foi observado que as crianças Surdas estavam desenvolvendo sua compreensão acerca da identidade Surda e o Dia do Surdo:

“Em 2007, ah tem algo importante: diminuiu as pessoas na passeata, pois alguns [surdos] perguntaram: “Para quê? Porquê? Eu ainda não entrei no trabalho, cadê?”. Eles não entendiam, eles pensavam que através da passeata íamos conseguir empregos em todos lugares, aumentar os salários, ter casas etc. Eu disse que não é assim, a passeata significa que é como divulgação para a família que questiona sobre o ser Surdo através da identidade, capacidade, só isso. Também outras pessoas que questionam se os surdos são capazes de trabalhar, sobre obrigação de ter intérprete na escola etc. Eles pensavam que é fácil de entrar nas empresas. E, alguns surdos trabalhadores disseram que iam para passeata e fizeram os pedidos através da declaração da FENEIS, mas abandonaram a passeata e aproveitaram passear. A sociedade ficou desconfiando, isso é um problema, tem vários. Eu observei e aconselhei que precisa focar na passeata até lá no governo. Então em 2007, a passeata diminuiu, teve cerca de 350 ou menos de 300 pessoas, também por causa dos empregos, normalmente.”

“As escolas com as crianças foram, é mais importante para as crianças participarem, alguém perguntou a eles “é Surdo?” e as crianças responderam: “Orgulho Surdo”, alguém parabenizou. Mas, antes, em 2002, em 2003, não tinham falado isso; agora eles já sabem, através do dia 26 de setembro, tem passeata, falam isso para as famílias e escolas ficarem sabendo. Por isso [a passeata] é a luta pela divulgação. Começou a passeata de 2007, o mesmo tema “acessibilidade”, agora sobre saúde. Entramos [na sede do governo] e foi sorte que enfrentamos o vice-governador, João Lyra. Mas no máximo 10 pessoas, tinha mais outros representantes, não puderam entrar. Nós tivemos a discussão, cada um falando as opiniões, durante uma hora e meia, uau! Conversando com o vice-governador, ele observou e disse que tem algo no público, é a SEAD. Nós dissemos que não e, ele estranhou, falou que lá tem tudo, qualquer coisa que nós precisaríamos e lá podiam nos ajudar. Eu disse que não tinha e, mostrei que tenho prova, isso não tem (“falta”), por exemplo: metrô não tem informação escrita e outras coisas, principalmente é acessibilidade. O vice-governador ficou impressionado e preocupado, disse que é muita coisa.”

Mas, no ano de 2008 foi melhor a passeata dos Surdos em Recife, foi a primeira vez que o próprio governador, Eduardo Campos, desceu e foi falar com os Surdos na praça e, depois fez uma reunião, “escutou” as reclamações e propostas dos 15 representantes Surdos, com participação da SEAD (Superintendência Estadual da Pessoa com Deficiência). Essa reunião durou quase uma hora e meia. Cardoso relatou sobre a passeata de 2008:

“Em 2008, uau!!! Foi mais importante, porque o governador Eduardo nos recebeu pessoalmente. Eu divulguei para tentar aumentar [quantidade de

pessoas], pois 2007 diminuiu, agora foram quase 500 pessoas, uau!! Fizemos a passeata com o mesmo tema: “acessibilidade”, porque antes algumas pautas não foram aprovadas, e colocamos mais a Lei de Libras. A caminhada começou, foi animada até sede do governo. Nós ficamos surpresos quando o governador Eduardo Campos desceu. Nós divulgamos a ele, eu perguntei se ele aceitava conversar com os representantes, ele aceitou, perguntei: “15 representantes?” e ele aceitou também, mas antes nunca teve 15 [representantes]. Fomos para reunião, sentamos na mesa e fiquei aliviado, pois o governador Eduardo veio sentar e chamou o diretor da SEAD. Eu acho porque antes sempre tivemos problema de comunicação e agora foi para provar, eu fiquei com esperança. Cada um dos nossos representantes estavam falando, aquele representante da SEAD tentou levantar a mão, mas o governador mandou ele esperar. Cada um dos Surdos opinaram, são representantes de jovens, do interior, faculdades, associações, religiões, uma mãe de filha surda, mulheres líderes e outros, total 15 representantes, uau!!! Eduardo observando e anotando. Tem filmagem, prova. Ele anotando e suspirando, conversou com conselheiro, que falou que tínhamos razão. Os surdos opinaram e “SEAD” ficou sem ação. Tudo certo, estávamos torcendo muito com esperança. Pronto, foi quase uma hora e meia, comemoramos, parabéns!”

Este líder Surdo entrevistado explicou que as passeatas são importantes porque as crianças Surdas, ao observarem os Surdos adultos lutando, copiam o modelo. Assim, segundo ele, é importante as escolas que tem alunos Surdos liberem os alunos da aula, para que eles possam participar da passeata. Depois da primeira passeata, em 2002, os jornais já estavam sabendo e começaram a divulgar o Dia do Surdo, então as famílias dos Surdos começaram conhecer o Dia do Surdo e a passeata. É um dia especial. Com o passar dos anos as crianças Surdas já começaram falar “passeata é para mostrar orgulho Surdo”, assim estão desenvolvendo. Por isso, é necessário continuar a passeata como comemoração do Dia do Surdo e como luta para conseguir garantir em Leis os direitos dos Surdos.

Na passeata ocorrida no dia 25 de setembro de 2008 foi primeira vez que o movimento dos Surdos encontrou-se com governador do estado de Pernambuco no momento da passeata. No dia seguinte, 26/09/2008, teve o “I seminário em Comemoração ao Dia Nacional do Surdo: “Direitos Lingüísticos também são Direitos Humanos”, que aconteceu na Universidade Federal Rural de Pernambuco (URFPE).

Nesses eventos de 2008, teve a importante participação das seguintes entidades: Associação de Surdos de Pernambuco - ASSPE, Associação dos Surdos de Olinda - ASO, Associação de Surdos de Arcoverde - ASSARC, Associação de Surdos de Gravatá - ASG, Associação de Surdos de Caruaru - ASC, Associação de

Surdos de Nazaré da Mata - ASNAM, Associação de Surdos de Petrolina - ASPet, Pastoral dos Surdos do Recife, Pastoral dos Surdos da Olinda, Pastoral dos Surdos de Petrolina, Centro de Apoio aos Surdos- CAS, Centro SUVAG de Pernambuco, Escola Municipal Padre Antonio Henrique, Escola Cônego Rochael de Medeiros, Escola Estadual Monsenhor Francisco Salles, Faculdade de Ciências Humanas de Olinda - FACHO, Escola Técnica Professor Agamenon Magalhães - ETEPAM, Escola Governador Barbosa Lima, Associação de Pais e Amigos de Excepcionais - APAE, Associação de Educação Especial do Cabo, Igreja Batista da Capunga, entre outras.



Fotos da passeata dos Surdos em Recife-PE, em 25/09/2008.

É interessante observar nos depoimentos dois líderes Surdos entrevistados, que uma das características principais das passeatas de Surdos é a maior preocupação com a divulgação da existência, da autonomia, da coragem dos Surdos e, mais ainda, do orgulho Surdo.

Analisando as filmagens e fotografias da passeata dos Surdos realizada em Recife, no ano de 2008, podemos observar:

1. A presença de pais, mães e amigos ouvintes;
2. Muitas crianças Surdas;
3. É um momento em que todos os Surdos se juntam, se abraçam e comemoram;
4. É mais que uma passeata, é como se fosse um desfile. As crianças brincam, dançam. Atores encenam na rua. Cada Surdo vai para rua mostrar suas conquistas e a alegria de estarem juntos.
5. A rua transforma-se em um lugar de divulgação da língua de sinais;
6. É um encontro ecumênico. A passeata não tem características religiosas, mas não é proibido a grupos de Surdos, por exemplo, de igrejas evangélicas estarem presentes apoiando a luta;
7. Professores organizam com seus alunos Surdos a participação na passeata;
8. Os Surdos, de maneira geral, ficaram surpresos, admirados e emocionados com a presença e simpatia do governador Eduardo Campos, que cumprimentou e tirou fotos com os Surdos que estavam mais próximos dele.

Naquele dia da passeata em 2008, filmamos alguns Surdos, que em Libras expressaram o que estavam sentindo naquele momento, vamos ver a tradução de alguns destes vídeos:

1 (criança): Dia dos Surdos, hoje tem passeata, eu andei na perna-de-pau aqui. Nos ônibus, os ouvintes ficaram impressionados e admirados, entenderam que é a passeata do dia dos Surdos. A passeata veio de lá até aqui andando nas ruas desta cidade.

2 (criança): Que dia, eu estou na passeata, as pessoas cansaram de andar nas pernas-de-pau então sempre troca. O governador, eu vi que muitos se aproximaram dele, estava lotado. Eu estava na perna-de-pau e tirando as fotos, só.

3 (jovem): Começou a passeata, os Surdos pressionam e lutam. Se conseguirá aprovar ou não, vamos ver. Eu sinto que vai conseguir aprovar através da luta. Todos estão felizes, passeando, divertindo... só. Feliz Dia dos Surdos, boa sorte. Eu também sou Surdo feliz, tem UNIÃO no mundo, todos unidos. Felicidade para você, abraços. FIM.

4 (jovem): Bom dia. Eu, pela primeira vez estou participando da passeata. É primeira vez, pois eu não sabia. Estou estudando no 2º ano no ETEPAM, eu fiquei surpreso e intérprete me ajudou com clareza. Cheguei atrasado e estava preocupado se daria tempo, eu nunca vi, estou aqui pela primeira vez, eu nunca vi que existe passeata onde os Surdos participam, enfrentando o governo. Eu fiquei sabendo, primeira vez, que estão fazendo negociação com governo. Estou visitando agora, primeira vez hoje, que bom, estou feliz, observei os Surdos lutando, vamos ver, depende se tem confiança ou não, talvez.

5 (jovem): Bom dia, meu sinal é [mostrou seu sinal]..., meu nome é Juliana. Hoje é dia especial dos Surdos, olha as pessoas. Ali [mostrou o Palácio das Princesas] estão conversando com Eduardo sobre a luta pelos direitos Surdos, sobre comunicação, também intérpretes, faculdades, escolas, identidades Surdas através de Libras, só.. ok. Tchau.

6 (jovem): Boa tarde, aqui estão os Surdos na passeata. Ali [mostrou o Palácio das Princesas] estão enfrentando, com diálogo, o governo sobre os direitos dos Surdos, de todos nós. Mas a escola de inclusão, não concordo. Quero todas as séries na escola de Surdos como específico, também faculdade, própria do Surdo.

7 (adulto): Boa tarde, bem vindo, hoje é dia 25, estamos na passeata, porque é para lutar com o estadual [governo] pelas coisas que estão faltando aprovação. Falta de intérprete, nos bancos e vários lugares. São necessidades através de entrar nos lugares e não conseguir comunicar. Então, é preciso pressionar ao governo para aprovar. Se vai conseguir ou não, vamos ver. Se aprovar, ah, eu ficaria feliz e emocionado. O dia 26 é especial dos surdos, mas 25 não, é apenas provisório. Só, fim.

8 (jovem): Tudo certo! Antes, lá no M-T-C, estávamos esperando os surdos aparecerem, às 10h já estava começando a passeata, andando por ali, passamos na ponte, até aqui [Praça na frente do Palácio das Princesas]. Agora estamos esperando pelo governo. Estamos aqui esperando o governo, Eduardo já nos viu, cumprimentou os Surdos, foi realidade ali, as pessoas vendo, foi verdade, emocionante. Eu duvidava que governador fosse aparecer aqui, mas veio pessoalmente, foi ótimo. Estamos felizes que deu certo, por isso hoje significa que é o dia especial, é felicidade dos Surdos, é luta pelos direitos Surdos através da passeata. Lutando por comunicação. Lutando por escola. Lutando por educação, etc. Que estão precisando de Lei para os Surdos. Sabe, nós Surdos estamos esperando. Os Surdos que foram escolhidos subiram lá [no Palácio], estamos esperando, eles estão discutindo. Quando terminar vamos ver a proposta, vão explicar o que Eduardo falou sobre isso, explicando a proposta. Nós estamos esperando para ver, vai dar tudo certo. Tchau.

9 (adolescente): Boa tarde para vocês. As pessoas aqui estão felizes participando desse momento especial dos Surdos. Os Surdos têm direitos, estão lutando, carregando as faixas. Sabe por que? É porque os Surdos querem lutar com vontade de realizar no futuro, faculdade, escola, televisão com janela de intérprete na novela, teatro e outras coisas que tenham vontade. É especial e feliz o mundo Surdo. Obrigada!

10 (jovem): Tudo bem. Estamos aqui, Surdos que sofrem muito. Os Surdos têm direitos, lutam, fazem passeata, isso é muito trabalho, parece que não adianta, a cada ano continuam lutando. Acho que isso é muita vontade para ter os direitos dos Surdos. Todos nós precisamos lutar pelos direitos dos Surdos, tentando, tentando muito. Acha que isso é pra conseguir o quê? Os Surdos querem ter os

diretos Surdos, precisam de Lei. Isso é como a história antiga dos negros que conseguiram vencer através da luta, as mulheres que sofreram e conseguiram lutar, mas ainda falta algumas coisas. Mas, falta muita coisa para os Surdos. Precisa pressionar, lutar na passeata, sempre a cada ano, até o dia que será aprovado?! Sabe que os Surdos precisam da Lei, precisam lutar pela necessidade de Lei para o Surdo, tentando desenvolver através de muita luta. Continuam lutando, os Surdos sofrem, olha aí [mostra o povo Surdo presente na praça] [...] Lutem pelos direitos Surdos, cada um tem seus próprios sonhos de viver e de trabalhar, isso é o sonho, Deus explica isso é o relacionamento. Eu entendo que precisa lutar pelos direitos Surdos. Tudo de bom para vocês.

11 (jovem): Os Surdos tem direitos. Pessoas surdas que estudam na ETEPAM, Rochael, BL, Padre Henrique e outras [escolas], estão participando na passeata. Chamaram os surdos que moram no interior, chamaram muitos, muita gente na rua caminhado na passeata. Aumentou os Surdos aqui, estou feliz, boa sorte aos Surdos. Na passeata é possível conseguir direitos, os Surdos estão lá participando da reunião com governo, vamos ver se vai conseguir ou não. FIM.

12 (adulto): Tudo bem. Para que participar aqui na passeata? O que é? Não sabe?! É importante participar, porque é a sociedade discutindo aqui. Os Surdos são eles, o povo na passeata, para mostrar à sociedade, para entender quais são os problemas. Por que? Porque precisa lutar pela escola, qualquer coisa como médico e várias preocupações, porque entra e pergunta: "cadê interprete?", quando acontece doença, falta intérprete para cuidar da saúde, cadê? Isso é difícil, então precisa lutar, tentando com o governo, pressionando. Precisa da doação para escola, médico e etc. para melhorar. Mais importante é saúde, segundo é trabalho, terceiro é escola, em seguida os outros, é muito importante. Ah, tem preocupação, porque antes, nos anos passados já teve 4 vezes, outras vezes a passeata, não adiantou nos anos passados até agora. Vamos ver se conseguir agora, eu não sei, é dele [Deus] que resolve, aqui é difícil mesmo, é a vida. Mas o povo tem dificuldade, sofre, porque são jovens, é difícil. Mas falta escola, falta estimulação para melhorar, liberar todas as séries da escola específica. Certo?! Bom, felicidade, muito obrigado!

13 (jovem): Oi, estou feliz hoje, porque é a primeira vez que estou aqui na passeata, o dia do surdo é especial. Estou muito feliz. Antes eu vivia somente no mundo ouvinte e agora estou no mundo surdo, feliz. A passeata é para lutar pelos direitos dos surdos.

14 (adulto): Bom dia. Surdos, deficientes, marcaram a passeata, reclamando com as faixas, o que é? Governo ali [aponta para o Palácio], vai avaliar, talvez vamos conseguir ou não. Passeata existe porque o Surdo precisa de trabalho, estudar curso, faculdade, para desenvolver melhor. Vamos ver se vamos conseguir agora com governo, bom ou ruim. Só isso, obrigado!

15 (adulto): Meu nome é Helio, meu sinal é [mostrou seu sinal]. Por que dia especial dos Surdos? Por que? É regra a passeata a cada ano, dia 26 sempre tem passeata para pressionar o governo. Político é Eduardo Campos. É importante dia 26, especial, regra nacional mas não tem. Cego, já.. mental, já.. braile, já.. Falta cego-surdo. É importante para reunir através de relação e discussão com política do governo em todo o Brasil. O mundo entende melhor através da luta, sempre organiza isso para mostrar a todos. A FENEIS é importante para ajudar a organizar com as pessoas Surdas. Também a ASSPE, Associação dos Surdos de Olinda e outros reunidos aqui, isso é importante, para a regra [Lei] ser aprovada. Estou muito feliz, alegre. Tudo de bom para vocês. As pessoas Surdas que estão aqui, pois hoje é dia especial, dia 26. Obrigado, bom

dia. Felicidade para vocês, abraço aos Surdos. Obrigado!

16 (jovem): Meu nome é Edivânia, meu sinal é [mostrou seu sinal] eu moro aqui em Recife. O que é passeata? É especial, dia 26 é dia especial dos Surdos, tem passeata. O que é, vai fazer o quê? Ah, é redação com qualquer regra pra respeitar a Libras, precisa de intérprete no hospital, na polícia e quaisquer lugares, precisa respeitar a Lei de Libras. Tudo bem, depois, se alguém não sabe, os Surdos continuam a lutar, está bem? Obrigada!

17 (jovem): Tudo bem? Meu sinal é [mostrou seu sinal], meu nome é Paulo, sou Surdo. Olha os Surdos aqui, o que é isso? É a passeata. O que significa? É defendo contra as famílias que querem que o Surdo fique submisso. Que acham que estão certas e não respeitam nada, querem que [os Surdos] fiquem calados. Os Surdos desenvolvem e pensam no futuro. Surdo tem direito de desenvolver na vida, melhor, está bem? ok!

18 (adulto): Governo, pessoa Surda tem direito de freqüentar escola. A Lei e a passeata é a necessidade da importância de respeitar para que ouvinte e surdo sejam iguais na freqüência da escola. Se passar do 3° ano e faculdade é para todos, estudar direito freqüentando. Sobre Lei do Surdo, precisamos falar e divulgar ao governador, ele fica sabendo e resolve mandar na sociedade. Existe confiança, pode aprovar Lei do Surdo através da importância de estudar e de trabalhar, isso é, igualdade com a pessoa Surda. Que pena, pessoa surda sofre e chega voltar a estudar, há necessidade da divulgação sobre aprendizado e ensino dos sinais e das palavras. Bom estudo. Ok, só.

19 (jovem): Oi. Isso aqui é AMOR e PAZ [fez os dois sinais]. Boa sorte para as pessoas Surdas, essas pessoas aqui na passeata, aqui no governo lutando. Mas a discussão é lá [mostrou o Palácio], o que será? Ninguém sabe, eu também não sei de nada, fico morgada aqui. Eu quero lutar, muitas pessoas Surdas estão animadas e eu estou esperando, "cadê?". Estou morgada, esperando. Eu assumo ser palhaça, [...] tem teatro aqui, que coisa bonita. [...] Meu sinal é [mostrou seu sinal]. Tchau, beijos. I LOVE YOU.

20 (jovem): Boa tarde, aqui é Recife-PE, lugar ali é a sede do governo. Para que os Surdos precisam caminhar na passeata? É necessidade de tentar criar o projeto com cada uma das necessidades dos Surdos, intérprete ter em Lei para público e também para privada, depende o que precisa da Lei. Os surdos precisam do futuro através de ser pedagogos para trabalhar nos lugares como instrutor, melhorar o futuro e a vida. Porque governador olha e fala que deficiente não precisa disso. É para tentar a explicar para que fiquem sabendo que precisa, mostrar sobre a sociedade e a vida Surda. Mostrar a compreensão através da necessidade da Lei. O governo fica sabendo e aceita o acordo, assinar no documento através de Lei para divulgar a Ministério Público para o governo provar. Parabéns aos Surdos pela luta. Então Surdos nunca fiquem com preguiça, em casa, dormindo, bebendo, como dependente de alguém que ajuda, NÃO! Surdos são capazes de ser profissionais, cada um com sua própria luta pela vida, pensa se precisa e resolve o encontro dos jovens, também encontro na FENEIS através da discussão para criar a proposta e o projeto, lutam. Bom, estou feliz que os Surdos têm capacidades, são inteligentes, isso é igualdade como entre Surdo e ouvinte. Bom, boa tarde, muito obrigado pela a minha apresentação.

21 (jovem): Oi, boa tarde. Hoje, que história! Porque nós precisamos da passeata através da luta. Eu estava vendo concordo com ele, já conheço Matheus [surdo do depoimento anterior], vou aproveitar... é verdade! Mas eu

tenho muita vontade que nós precisamos esquecer os anos passados e continuar o tempo, continuando a fazer o mesmo para conseguir, sempre conseguir várias coisas diferentes. Mas ali onde o grupo está na reunião, talvez o que será resolvido? Existe confiança no surdo. Ouvinte aproveita, cego aproveita, não concordo, falta específico para surdo, que precisa libertar. Talvez certo ou não, não sei como dizer, nós temos interesse, já começou melhorar a vida. Ok, obrigado. PAZ!

Analisando esses depoimentos observa-se que:

- Os depoimentos registram a falta de intérpretes de Libras a serviço dos Surdos em locais como hospitais, polícia e trabalho.
- Os Surdos falaram, de forma geral, em direitos para Surdos;
- Alguns entrevistados demonstraram a felicidade de participar da passeata;
- Há a consciência da necessidade de escola específica para Surdos;
- A Libras é maior luta dos Surdos. Todos os Surdos participantes da passeata comunicam-se através da língua de sinais e a defendem;
- O sentimento de união é expresso, quando afirmam que estão presentes diversas Associações de Surdos juntas, inclusive, representantes do interior do estado;
- A família aparece em um depoimento, mostrando a necessidade das famílias ouvintes respeitarem a Libras e autonomia dos filhos Surdos;

Portanto, a passeata do Dia do Surdo em Recife acontece todos os anos desde 2002, sendo um movimento importantíssimo para a comunidade Surda. Acredita-se que este movimento tem uma força especial e precisa continuar, pois a cada ano tem-se experiências diferentes e, cumpre-se um dos objetivos da passeata que é mostrar à sociedade a existência, valor e autonomia do povo Surdo e da Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante mostrar a realidade do mundo Surdo, pois até hoje os Surdos ainda sofrem com as limitações na sociedade ouvintista. Mostrar os conceitos e as compreensões construídos pelos próprios Surdos, através a língua de sinais, que é valor e costume da cultura Surda.

É muito importante, também, registrar e divulgar o histórico das passeatas em Pernambuco geradas através do compartilhamento com outros estados e outros países. Pois, é um movimento de Surdos na rua para mostrar à sociedade os direitos Surdos através das diferenças, isto é, a importância de mostrar a realidade do mundo Surdo que tem a identidade, a cultura e a língua.

Assim, passeata é um dos espaços políticos para a construção da identidade e para mostrar o orgulho Surdo. Não é apenas das passeatas, no mesmo dia da aprovação da Lei, mas há, também, a necessidade de planejar diversas atividades como palestras, teatros, encontros e passeatas, em diversas datas.

O movimento de Surdos precisa de mais Surdos participantes, porque a sociedade ouvintista continua discriminando os Surdos e, muitas famílias ouvintes afastam os filhos Surdos da convivência social com outros Surdos e não aceita a língua de sinais. Por isso os Surdos aprendem Libras muito atrasados e muitos nem se desenvolvem. Depende dos sujeitos Surdos que já têm consciência que precisam lutar pelos direitos ou não. A maioria dos Surdos têm consciência, mas não sabem muito sobre a história e a cultura Surda, por causa das escolas com “inclusão” que não têm preocupação com isto.

As associações de Surdos, a FENEIS e algumas escolas de Surdos divulgam sobre cultura, identidade e a língua de sinais, ajudam a construir a consciência política dos Surdos sobre os seus direitos. Informam sobre a história dos Surdos, a construção e a importância da identidade, o movimento de Surdos etc. Mas, são poucos os espaços políticos para os Surdos exercerem e lutarem por seus direitos. A passeata é um destes espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Campos. Surdos, uma abordagem brasileira historiográfica e cultural. Monografia de Conclusão do Curso de História. Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Belo Horizonte, 2007.

Blogspot de FotoLibras – Notícias. Disponível em: http://fotolibras.blogspot.com/2008_09_01_archive.html, acessado em 10/09/2009.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 — Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL. Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008 – Dispõe sobre o Dia Nacional dos Surdos.

CALIFORNIA SCHOOL THE DEAF. International Day of Sign Language. September 26, 2008. Disponível em: <http://www.csd.f.k12.ca.us/video/0809/internationalsign.html>, acessado em 10/09/2009.

Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. Disponível em: www.feneis.com.br, acessado em: 10/09/2009.

Gallaudet University Archives - Timeline: History of Gallaudet and the Deaf Community. Disponível em: <http://archives.gallaudet.edu/Timeline.htm>, acessado em: 10/09/2009.

Gallaudet University – Deaf President Now. Disponível em: <http://pr.gallaudet.edu/dpn>, acessado em: 10/09/2009.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Conheça o INES – 150 anos de história. Disponível em: www.ines.gov.br, acessado em 10/09/2009.

L'OEIL ET LE MAIN. La voix au chapitre. Disponível em: <http://www.france5.fr/oeil-et-main/archives/24195747-fr.php>, acessado em 10/09/2009.

Milan 1880. Disponível em: www.milan1880.com, acessado em 10/09/2009.

PASTORAL DOS SURDOS. Pastoral dos Surdos rompe desafios e abraça os sinais do Reino na Igreja do Brasil. São Paulo: Paulinas, 2006.

PREFEITURA DO RECIFE - Boletim Diário - PASSEATA MARCA DIA NACIONAL DO SURDO. Disponível em: www.recife.pe.gov.br, acessado em 10/09/2009.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos Surdos. Rio de Janeiro: Imago editora, 1990.

STROBEL, Karin. História dos Surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: Estudos Surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____. As imagens do outro sobre a Cultura Surda. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

_____. Surdos: Vestígios não Registrados na História. Tese de Doutorado em Educação UFSC. Florianópolis: 2008.

Wikipédia - A enciclopédia livre – Busca. Dia Mundial do Surdo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>, acessado em: 10/09/2009.

Wikipédia - A enciclopédia livre - Busca - Federação Mundial de Surdos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>, acessado em: 10/09/2009.

Wikipédia - A enciclopédia livre – Busca - História dos Surdos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>, acessado em: 10/09/2009.

Wikipédia - A enciclopédia livre – Busca - Thomas Hopkins Gallaudet. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>, acessado em: 10/09/2009.

World Federation on the Deaf. Disponível em: <http://www.wfdeaf.org>, acessado em 20/09/2009.

ANEXOS

ANEXO I

A vida de Antônio Campos de Abreu

Antônio Campos de Abreu é mineiro, trabalha como assistente administrativo da USIMINAS e, é graduado em História pela UNIVERSO, em 2007. Casado com Rita de Cássia, é pai de três filhos e, é atuante na FENEIS e Associações de Surdos.

Ele nasceu Surdo profundo, devido à genética de seus pais que eram primos, tem vários casos de surdez na família, a irmã dele nasceu Surda, o avô dele também. Quando ele nasceu sua mãe tinha dúvida se ele era Surdo ou não, levou-o ao médico e descobriu a surdez. A família já sabia sobre a língua natural dos Surdos, pois um primo, Ernani Álvares Silva e Abreu, é Surdo e estudou no INES, no Rio de Janeiro, comunicavam-se através da língua natural sinalizada.

Ele tinha 11 anos - 1967 a 1973, quando foi estudar no INES, Rio de Janeiro. Quando voltou a Belo Horizonte, ele estudou no Colégio São Vicente onde era o único Surdo. Parou por um tempo os estudos e quando retornou, fez supletivo com a presença de intérprete.

Com o tempo viu a necessidade de continuar os estudos e foi aprovado no vestibular na Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, para o curso de História. Na faculdade tinha a presença de intérprete de Libras onde a comunicação era importante. Havia troca de informações, experiências, etc. Antes, na escola comum não tinha intérprete e professores que soubessem a língua de sinais, conseqüentemente, a comunicação entre aluno Surdo e professor era muito difícil.

Escolheu o curso de História por causa da história dos Surdos e sua luta através das associações de Surdos e movimento dos Surdos. No curso teve a oportunidade de comparar os diversos contextos na História dos Surdos e ouvintes. Ele visitou a Universidade de Gallaudet, nos EUA, viu os registros e documentação da história dos Surdos e ficou muito interessado. Retornando ao Brasil buscou mais

informações da história dos Surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES e, encontrou vários registros antigos de Surdos, história, lutas, conquistas, etc.

Quanto ao mercado de trabalho, está 30 anos trabalhando na USIMINAS. Não tem problemas de relacionamento ou comunicação. Tem auto-estima boa e sente-se seguro na interação com os colegas de trabalho. Ele acha que a sociedade precisa conhecer a cultura Surda e perceber que o Surdo é capaz sim de estudar, trabalhar e participar ativamente da comunidade onde está inserido.

Ele fez sua monografia e a refez 7 vezes. Era reprovado sempre pelos professores por causa da bibliografia. O sonho dele era apresentar o título: Surdos-Mudos, por causa da história dos Surdos que eram considerados mudos, no contexto da época passada, etc. Não conseguiu documentar muitos autores e livros, pois a maioria eram estrangeiros, em inglês, difícil de traduzir e então resolveu mudar o título para: Surdos - Uma Abordagem Brasileira, Historiográfica e Cultural. Fez um resumo básico, mas teve dificuldade com a leitura de vários livros e autores.

Ele quer continuar estimulando o trabalho dos Surdos, sua língua e sua identidade. Pretende organizar seminários, congressos, passeatas dos Surdos comemorando o Dia dos Surdos e Dia da LIBRAS, promover debates sobre o "SER SURDO" etc.



Antônio Campos de Abreu

ANEXO II

A vida de Antônio Cardoso

Antônio Cardoso morava no interior de Pernambuco, na cidade de Machados. Cresceu sem nenhuma língua, não sabia nada até os 12 anos, seu pai tinha um irmão oralizado, que não sabe Libras. Este avisou que em Recife tem escola para Surdos. Então, Antônio Cardoso foi para o Instituto Domingos Sávio, começou a aprender Libras e encontrar-se com outros Surdos. Depois foi para ASSPE e começou a aprender muitas coisas, assumiu a sua identidade Surda e desenvolveu-se. Trabalha na Feneis-PE, desde quando foi criada, e é o líder das passeatas dos Surdos em Recife, mas ele agradece aos Surdos que participam, pois em grupo é mais forte.

Foi publicado no Boletim Diário no site da Prefeitura do Recife (Coordenadoria de comunicação social), no dia 26 de setembro de 2007, esta fala de Antônio Cardoso: “Em termos de exemplos bem sucedidos, o coordenador regional da Federação Nacional para Educação e Integração de Surdos, Antônio Cardoso, diz que algumas ações adotadas no sudeste do País servem como parâmetros. ‘Em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo, já existe essa central que queremos implantá-la aqui. Não é uma coisa de outro mundo e lá, os portadores estão sendo atendidos como devem”.



Antônio Cardoso

ANEXO III

Arquivo no site da FENEIS sobre a Passeata de Recife-PE em 2007

PARABENS COMUNIDADES SURDAS EM PERNAMBUCO - FENEIS PE, ASSPE, ASO, ASSARC, ASCABO, ASG, SUVAG, ESCOLAS DE SURDAS LIDERES. NÓS SOMOS ORGULHO DE SER SURDOS EM PERNAMBUCO. (Antônio Cardoso – CONADE)

No Dia Nacional dos Surdos, cerca de 500 Surdos ou Pessoas com deficiência auditiva, representando 15 instituições, se concentraram, na manhã desta quarta-feira (26), na sede do Movimento de Trabalhadores Cristãos, localizado no bairro da Boa Vista e seguiram até o Palácio do Campo das Princesas. O intuito da passeata era, além de despertar o interesse da população para os problemas relacionados aos Surdos, entregar ao governador Eduardo Campos, uma série de reivindicações.

Em relatos feitos por diversos surdos representantes que participam desta comunidade as reivindicações são várias. “No âmbito local, mas há problemas em todo o Estado”,

Uma das principais cobranças é a criação de uma central de intérpretes para que eles possam auxiliar os Surdos. “Muitas vezes o surdo é mal atendido ou até mesmo não recebe o tratamento correto pelo fato de um médico, por exemplo, não entender o que ele quer dizer”, disse as Comunidades Surdas.

“Isso acontece porque a Língua Brasileira de Sinais, a Libras, é muito desconhecida ainda. Hoje, o maior problema dos Surdos é a falta de comunicação com as pessoas que não são Surdas. Infelizmente, hoje, Surdo ainda só se comunica com Surdo e alguns ouvintes que conhece e usam a língua dos surdo”, .

Representando 15 instituições, como representantes da Comunidade Surda de Pernambuco.

1. FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos, Diretor Regional da Feneis em PE – Nelson Valença;
2. ASSPE – Associação de Surdos de Pernambuco, Presidente da ASSPE – Digerson Araújo
3. ASO – Associação de Surdos da Olinda, Representante da ASO – Regilene Dias
4. ASG – Associação de Surdos da Gravata, Presidente da ASG – Denize
5. ASSARC – Associação de Surdos de Arcoverde, Vice-presidente da ASSARC
6. ASP – Associação de Surdos da Paulista, Representante da ASP – André Antonio
7. ASC - Associação de Educação Especial do Cabo, Representante do ASC - Augusto Pintais
8. ASV - Associação de Surdos de Vitória – ASV, Representante do ASV

9. ASL - Associação de Surdos de Limoeiro, Representante do ASL – Roberto Williams
10. ASP - Associação de Surdos de Petrolina – ASP, Representante do ASP - Gerlania
11. Centro SUVAG de Pernambuco, Representante do Leane Pereira
12. Escola Municipal Padre Antonio Henrique, a Escola Cônego Rochael de Medeiros, a Escola Estadual Monsenhor Francisco Salles, a Escola Técnica Professor Agamenon Magalhães – ETEPAM, a Escola Governador Barbosa Lima, o Instituto Domingos Sávio para Surdos, Representantes das Escolas de Surdos Líder - Flavia
13. Igreja Batista da Capunga através do Ministério do Apoio a Pessoa com Deficiência, Representante da Igreja Capunga de Surdos – Pery
14. Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, Professora do Facho – Adriana Cecília
15. Pastoral dos Surdos de Recife, de Olinda, de Petrolina, de Cabo, Surdos Líderes.

Prezados Senhores, Caros Comunidades Surdas,

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis, a Associação de Surdos de Pernambuco – ASSPE, A Associação dos Surdos de Olinda – ASO, a Associação de Surdos de Arcoverde – ASSARC, a Associação de Surdos de Gravatá – ASG, a Associação de Surdos de Caruaru – ASC, a Associação de Surdos de Petrolina – ASP, a Associação de Surdos de Nazaré da Mata – ASSNAM, a Associação de Surdos de Vitória – ASV, o Centro SUVAG de Pernambuco, a Associação de Educação Especial do Cabo, a Pastoral dos Surdos de Recife, de Olinda, de Petrolina, a Igreja Batista da Capunga através do Ministério do Apoio a Pessoa com Deficiência, a faculdade de Ciências Humanas de Olinda, a Escola Municipal Padre Antonio Henrique, a Escola Cônego Rochael de Medeiros, a Escola Estadual Monsenhor Francisco Salles, a Escola Técnica Professor Agamenon Magalhães – ETEPAM, a Escola Governador Barbosa Lima, o Instituto Domingos Sávio para Surdos, como representantes da Comunidade Surda de Pernambuco, juntamente com familiares e profissionais da área, participa neste Dia dos Surdos, enviando nossas reivindicações alusivas ao Dia Nacional dos Surdos, no desejo do exercício pleno da cidadania. Em consonância com a Lei 10.436/02 e o Decreto Lei 5626/05 que a regulamenta.

Sabendo que ter acesso, Acessibilidade, é um direito de todos os cidadãos, portado, um direito humano. A Acessibilidade em seus vários aspectos possui conexões com as diferentes dimensões do desenvolvimento sustentável: social, ambiental, político, cultural, econômico, ecológico, educacional, profissional e vem sendo reconhecido por diversos especialistas e organizações como um fator indutor de sustentabilidade.

Acessibilidade é a possibilidade de acesso a um lugar. E podemos ponderar as acessibilidades por diferentes tipos de oportunidades, sejam: empregos, locais de compras, lazer, trabalho, aprendizagem (escolas, universidades, cursos profissionalizantes, etc.) respeitado o direito e a especificidade cultural e lingüística de cada pessoa.

A Lei Federal nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida e da outras providencias.

Solicitamos de V. S^a. atenção e encaminhamentos de nossas reivindicações pela questão da Acessibilidade e cidadania junto a Promotoria de Justiça e Defesa da Cidadania da Capital – Ministério Público de Pernambuco – MPPE, a superintendência Estadual de Apoio a Pessoa com Deficiência – SEAD, e demais órgãos, a fim de que possamos sentir apoio

em nossa causa que não é somente nossa, mas de todos os nossos parceiros e amigos.

Lamentamos o preconceito e a discriminação sofrida pelos Surdos em relação ao acesso e permanência nos mais diferentes setores da sociedade. Sabemos que o respeito a diversidade e a cidadania começa quando todos têm oportunidades iguais. Vale salientar que o “SURDO” não é “Deficiente” é apenas diferente, pois, possui uma dificuldade específica na área da comunicação. E esta dificuldade na comunicação, nada mais é do que barreiras sociais que a sociedade impõe aos diferentes e, devem ser eliminadas através do conhecimento e reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras e a Cultura da Comunidade Surda.

A própria Constituição Federal, através de vários dispositivos, vem assegurar o princípio da igualdade, quando determina em seu: Artigo 5°. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade.

O DIREITO A EDUCACAO

Como qualquer cidadão, a pessoa com deficiência tem direito a educação pública e gratuita assegurada por lei, preferencialmente na rede regular de ensino e, se for o caso, a educação adaptada às suas necessidades em escolas especiais, conforme estabelecidos nos Art. 58 e seguintes da Lei Federal nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, art. 24° do Decreto Federal nº 3.289/99 e art. 2° da Lei nº 7.853/89.

É garantido serviço de apoio especializado, na escola pública regular, para atender ao aluno com deficiência. Conforme determina o § 1°, do art. 58 da Lei Federal nº 9.394/96, o Poder Público, havendo necessidade, é obrigado a equipar a escola, visando o eficaz atendimento da pessoa com deficiência.

O aluno com deficiência tem direito aos mesmos benefícios conferidos aos demais alunos, inclusive material escolar, transporte, merenda escolar e bolsas de estudo, como asseguram o Decreto Federal nº 3.289/99 e art. 24°, inciso VI.

A pessoa com deficiência tem direito a educação profissional conforme determinam os art. 59°, inciso IV, da Lei Federal nº 9.394/96, e o art. 28°, do Decreto Federal nº 3.289/99, asseguram o seu acesso à educação especial para o trabalho, tanto em instituição pública quanto privada, que lhe proporcione efetiva integração na vida em sociedade. Nesse caso, as instituições são obrigadas a oferecer cursos de formação profissional de nível básico, condicionando a matrícula da pessoa com deficiência a sua capacidade de aproveitamento e não ao seu nível de escolaridade. Ainda deverão oferecer serviços de apoio especializados para atender às peculiaridades da pessoa com deficiência, como adaptação de material pedagógico, equipamento e currículo; capacitação de professores, instrutores e profissionais especializados; adequação dos recursos físicos, como eliminação de barreiras ambientes e de comunicação.

A pessoa com deficiência, como qualquer cidadão tem direito a educação superior, tanto em escolas públicas quanto privada, em todas as suas modalidades que são determinadas pelo art. 44°, da Lei Federal nº 9.394/96, e o art. 27°, do Decreto Federal nº 3.289/99. Essas modalidades são: cursos sequenciais por campo de saber, de diferentes níveis, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino; de graduação abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processos seletivos; de pós-graduação, abertos a candidato diplomados em curso de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino; e de extensão, abertos a candidatos que atendam requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.

De acordo com o art. 27º, do Decreto Federal nº 3.289/99, as instituições de ensino devem oferecer adaptações de acordo com as características das pessoas com deficiência. Nesse caso, a pessoa com deficiência deve solicitar tais adaptações previamente.

O DIREITO A SAUDE

A pessoa com deficiência tem direito a receber informações do médico sobre sua deficiência e inclusive as conseqüências que ela traz conforme determina o art. 2º, parágrafo único, inciso II, da Lei Federal nº 7.853/89, assegura esse direito a qualquer pessoa, inclusive sobre os cuidados que ela deve ter consigo notadamente no que se refere à questão do planejamento familiar, as doenças do metabolismo e seu diagnóstico e ao encaminhamento precoce de outras doenças causadores de deficiência.

Adaptar o ambiente hospitalar através de ícones de identificação, facilitando a comunicação com os Surdos.

Capacitar semestralmente os profissionais atendentes e auxiliares de enfermagem.

Contratar em regime de urgência, até a realização de concursos para Intérpretes de Língua de Sinais, através de mini-contratos com duração de 1 (um) ano podendo ser prorrogado por mais 1 (um).

E até a realização de concursos a contratação destes profissionais passe por uma banca examinadora formada por representantes das associações de Surdos, locais, e da Feneis e tenham certificação do curso de Intérprete com reconhecimento de instituições representativas da comunidade surda. Ou que tenham sido aprovados pelo exame de proficiência em Língua de Sinais promovido pelo governo Federal.

Disponibilizar em médio prazo o serviço de interpretação em Língua de Sinais nos principais hospitais nas cidades do interior e, em longo prazo, nos demais hospitais e postos de saúde.

Disponibilizar profissionais Intérpretes de Língua de Sinais nas principais unidades de Atendimento emergenciais.

Elaborar pesquisas sobre a população surda no Estado e nas principais cidades em que tiver um número expressivo de Surdos sejam contratadas, por concurso ou outra forma, profissionais Intérpretes de Língua de Sinais para as Unidades hospitalares de referência.

Localizar Interprete de Língua de Sinais por regiões em Unidades hospitalares de Referência, descentralizando o atendimento a Pessoa Surda.

Localizar os profissionais Intérpretes de Língua de Sinais nos Hospitais e Postos de Saúde, nos setores de Emergências e de Assistência Social, no regime de trabalho plantonista.

Sensibilizar os profissionais médicos e enfermeiros com relação à Cultura Surda e ao trabalho do Intérprete de Língua de Sinais, através de folder, cartazes e ou palestras.

A Lei Federal 10.436/02 determina ao Poder Público e às concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde o atendimento dos Surdos conforme a Língua Brasileira de Sinais - Libras.

O DIREITO AO TRABALHO

Os direitos da pessoa com deficiência no que se refere aos concursos públicos (sociedade de economia mista, autarquias, fundações públicas e também União, Estados, Municipais e Distrito Federal) Devem ser considerados alguns aspectos:

A Lei Federal nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, art. 5º, reserva um percentual dos

cargos e empregos públicos para as pessoas portadores de deficiência e define os critérios para sua admissão.

Em concursos públicos federais, (no âmbito da Administração Pública Federal, ou seja, empresas públicas federais, sociedade de economia mista pública, autarquias federais, fundações públicas federais e também a própria União) até 20% das vagas são reservadas às pessoas portadoras de deficiência. Desta forma, este percentual não é o mesmo para cada estado, município ou para o distrito federal, porque é a lei de cada uma dessas entidades que irá estabelecer o percentual de quotas de admissão para os portadores.

Os portadores de deficiência têm preferência ante os demais, caso aprovado no concurso, independente de sua classificação.

Caso nenhum portador de deficiência seja aprovado em um concurso, desconsideram-se as vagas reservadas para eles.

Fiscalizar as empresas que discriminatóriamente não estão admitindo candidato que se comunica apenas com a Libras, dando preferência a candidatos oralizados.

* No Estado de Minas Gerais, Constituição Estadual, art. 28º e a Lei Estadual nº 11.867 de 28 de julho de 1995 tais percentual é de 10% (dez por cento)

* No serviço público do Estado do Piauí, conforme Lei Estadual nº 4.835, de 23/05/1996, o percentual de vagas reservadas aos portadores de deficiência corresponde a 10%. No Município de Teresina, conforme Lei Municipal nº 2.256, de 25/10/1993, a reserva corresponde a 5% das vagas.

Quanto ao trabalho em empresa privada, a Lei Federal nº 8.213/1991, art. 93º, prevê proibição de qualquer ato discriminatório no tocante a salário ou critério de admissão do emprego em virtude de candidato ser deficiente.

O DIREITO A COMUNICACAO

A língua é à base da comunicação, a comunidade ouvinte usa a língua oral e a comunidade surda a Língua de Sinais (Libras), para se comunicar. Essa diferença traz dificuldades na comunicação em situações do dia-a-dia, como por exemplo, numa consulta médica, se esse profissional não tiver a disponibilidade de tentar entender o paciente através de “gestos” ou da escrita, a consulta não se realizara ou poderá causar riscos à saúde do paciente.

Uma outra situação, entre tantas, que pode usar como exemplo desta dificuldade é, no caso de um Surdo ser roubado e querer fazer o cancelamento de cartões de créditos, ou fazer um Boletim de Ocorrência em uma Delegacia, essa comunicação não será completa sem um intérprete, ou sem um profissional da Delegacia que saiba a Língua de Sinais. Esses exemplos apontam para a diferença que existe na comunicação dos Surdos e estamos reivindicando que seja respeitada pela comunidade ouvinte. O respeito à nossa língua, a Libras, o direito de termos um intérprete e assim, ter a certeza de sermos entendidos e entender o outro são nossos principais desejos.

* A Lei Estadual nº 11.686/99 em seu art. 7º determina que – “A Administração Pública direta, indireta e fundacional manterá em suas repartições públicas estaduais, bem como nos estabelecimentos bancários e hospitalares públicos, o atendimento aos portadores de surdez, utilizando profissionais intérpretes da Língua Brasileira de Sinais – Libras.” (Pernambuco).

* A Lei Federal nº 10.436, de 24/04/2002, reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Libras, e determina o ensino e utilização no País.

Ratificamos a Declaração de Madri onde afirma que “Espaços especiais precisam ser feitos

para promover o acesso de Surdos ao emprego, preferencialmente no mercado competitivo de trabalho”.

Para tanto contamos com o apoio de V. S^a. juntamente com o Senhor Delegado Regional do Trabalho e Emprego e a Senhora Promotora da Justiça e Defesa da Cidadania da Capital e de toda a sociedade para divulgar tais propostas, que são anseio dessa comunidade minoritária e de todos nos.

Segue em anexo as propostas de Acessibilidade que buscamos ser implementadas e implantadas pelo Governo de Pernambuco de forma a viabilizar a real inclusão social para esses cidadãos SURDOS.

Atenciosamente,

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis

Proposta da Comunidade Surda e parceiros nos nossos movimentos Surdos:

1-Reconhecer a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - Feneis/PE, como maior entidade representativa da comunidade Surda, solicitando, através desta, o intérprete de Libras sempre que se fizer necessário;

2- Criar uma Central de intérpretes, pelo Governo, que funcione 24 horas para casos de emergência, em delegacias, hospitais e outros. Garantindo assim, a presença de intérpretes de Libras nas situações que exijam comunicação entre os Surdos e os ouvintes nos serviços públicos.

3-Criar o Projeto da Lei Estadual que institui o dia estadual do Surdo pelo Governo, que o anexo a Lei nº. 17.036/04 que institui o dia municipal do Surdo.

LEI Nº. 17.036/2004

Ementa: Institui o Dia Municipal dos Surdos.

O POVO DA CIDADE DO RECIFE, POR SEUS REPRESENTANTES, DECRETOU, E EU, EM SEU NOME, SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Fica instituído o Dia Municipal dos Surdos, a ser comemorado, anualmente no dia 26 de setembro.

Art. 2º - O Executivo, por intermédio de seu órgão competente, promoverá atividades que contribuam para uma reflexão sobre a condição de vida do surdo, possibilitando-lhe maior inserção social e política.

Parágrafo único - As atividades referidas no caput, deste artigo deverão subsidiar a elaboração de políticas de governo que favoreçam os Surdos.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor a partir da data de sua publicação.

Recife, 19 de outubro de 2004.

João Paulo Lima e Silva

Prefeito

Projeto de Lei de Autoria do Vereador Paulo Dantas.

Justificativa: 26 de Setembro, DIA NACIONAL do SURDO.

A Comunidade dos Surdos de brasileiros comemora 26 de setembro, o Dia Nacional do Surdo, data em que são lembradas as lutas históricas vividas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania, bem como pelo pleno reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais e da cultura surda em todas as instâncias sociais.

A Federação Mundial dos Surdos já celebra o Dia do Surdo internacionalmente a cada 30 de setembro. No Brasil, o dia 26 de setembro é sugerido devido ao fato desta data lembrar a inauguração da primeira escola para Surdos no país em 1987, com o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atual INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos.

4- Cumprir os dispositivos legais e implantar na propaganda institucional veiculada em todos os canais de televisão em funcionamento no estadual do Governo, as mesmas informações na Língua Brasileira de Sinais – Libras, através de intérpretes e legendas.

5- Elaborar materiais didático-pedagógicos para a educação do estudante Surdo, em Libras – Língua Brasileira de Sinais.

6- Regulamentar a Lei Estadual nº. 11.686, de 18/10/1999, que oficializa e reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como primeira língua para pessoas surdas nos municípios do Estado de Pernambuco;

7- Envidar esforços na regulamentação da Lei Municipal Nº. 16.918/2003, que altera a Lei 16.529/99, que reconhece no âmbito do Recife, como sistema lingüístico, a Língua Brasileira de Sinais e a Lei nº. 17.036/04 que institui o dia municipal do Surdo.

8- Estudar junto à Comunidade Surda formas de combate à evasão escolar por parte do estudante Surdo.

9- Garantir que o estudante Surdo receba os mesmos conteúdos curriculares da escola regular, em comunicação visual e Libras, sem subestimar sua capacidade cognitiva.

7- Instalar placas de sinalização próximas às escolas, associações e instituições que atendam ao público Surdo, a fim de que os motoristas respeitem os pedestres Surdos.

8- Instalar sinais luminosos dentro das escolas de Surdos a fim de promover acessibilidade dos mesmos quando no toque do intervalo, horários das aulas ou qualquer emergência.

9- Promover campanhas de esclarecimento à sociedade sobre a capacidade intelectual e profissional da Pessoa Surda, Cega, com Deficiência Física, com Deficiência Mental e com Múltiplas Deficiências em parceria com empresas e Ongs.

10-Promover cursos de Língua Brasileira de Sinais – Libras - para os pais, funcionários estaduais, com filhos Surdos. Garantindo assim uma melhor interação na família.

11-Promover gestões junto às emissoras locais de televisão no sentido de implantar legenda nos noticiários locais.

12-Promover junto aos órgãos competentes, a instalação de telefones públicos adaptados em locais como: aeroporto, delegacias de polícia, hospitais, rodoviária e shoppings, além de outros locais de acessos das pessoas com deficiência.

13-Promover levantamento de dados da real situação dos Surdos quanto a sua escolaridade e situação profissional.

14-Propor a instalação de telefones TDD (Telefone públicos adaptados para Surdos), nas centrais telefônicas na Grande Pernambuco e nos principais locais de acesso da população surda.

15-Instalar aparelhos de TDD em locais como: trabalho dos Surdos, aeroporto, delegacias de policias, hospitais, pronto-socorro, prefeituras, rodoviárias, shoppings, escolas de Surdos, e outros locais onde se mostrem necessários.

16-Propor que os principais bairros tenham estabelecimentos 24 horas com aparelho TDD para ligações emergências.

17-Incluir em jornais de circulação estadual uma coluna de divulgação sobre questões relacionadas ao Surdo.

18-Implementar sinalização nas portas do metrô e, além dos avisos sonoros sejam instalados visores de legenda informando situações de emergência, fechamento de portas, e destino (estações).

19-Propor que todos os visores de legendas dos estabelecimentos públicos e privados como: metrôs, rodoviárias, aeroportos, bancos, consultórios médicos etc., tenham ícones além da escrita do português a fim de facilitar a comunicação com os Surdos.

20-Divulgar o “Símbolo Internacional de Surdez” entre os funcionários públicos, policiais, bombeiros, Detran e profissionais que atendem os Surdos e que indiquem serviços especialmente destinados aos Surdos. Conforme Lei n° 8.160 de 08/01/91.

21-Estender a gratuidade nos transportes coletivos ou assemelhados nas cidades do interior.

22-Realização de concurso público para instrutores e intérpretes de Libras, a fim de ampliar o número desses profissionais nas escolas da rede pública de ensino em conformidade com os requisitos estabelecidos pelo MEC e pela Lei federal N° 10.436 e Decreto N° 5.626 de dezembro de 2005.

Nelson do Rego Valença Junior

Diretor Regional da Feneis – PE

Disponível em: <http://www.feneis.com.br>. Acessado em: 05/10/2009.

ANEXO IV

Surdos vão às ruas por mais empregos

Mais de 400 pessoas, muitas com problemas auditivos, percorreram as ruas do Centro para pedir oportunidade de emprego. Números da DRT mostram que apenas 615 dos mais de 328 mil surdos do Estado estão empregados

Cerca de 400 pessoas ocuparam ontem as principais avenidas do centro do Recife numa passeata de reivindicação por melhores condições de empregabilidade para os surdos. Mais de 328 mil pernambucanos apresentam deficiência auditiva, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no entanto, números da Delegacia Regional do Trabalho, em 2002, mostravam que desses, apenas 615 surdos estavam empregados.

O movimento organizado pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis) contou com a participação de outras 16 entidades, entre grupos de pessoas com necessidades especiais e instituições de ensino. “Estamos unindo esforços para garantir direitos fundamentais à sobrevivência dos surdos. Um dos nossos grandes problemas é a dificuldade para conseguir emprego. Mesmo com a ajuda do Ministério Público e da Delegacia do Trabalho, as empresas receiam em nos empregar”, afirma o presidente da Federação, Antônio Cardoso.

A mobilização partiu da Rua Gervásio Pires, na Boa Vista, e seguiu pelas avenidas Guararapes e Dantas Barreto até o Palácio do Campo das Princesas. Os coordenadores dos grupos de surdos entregaram para a chefe do Gabinete Civil do Governo do Estado, Anália Ribeiro, um documento com propostas para resolver o problema.

Segundo Cardoso, uma pesquisa realizada pela Feneis, em Pernambuco, mostrou que menos de 5% dos entrevistados estavam formalmente empregados. As proposições apresentadas pela comunidade surda incluem também, a necessidade de um intérprete de libras (Língua Brasileira de Sinais) nas empresas e discriminação no edital da quantidade de vagas, em cada área, para pessoas com e sem dificuldades auditivas.

A chefia do Gabinete Civil do Governo, através da Superintendência Estadual de Apoio à Pessoa com Deficiência (Sead), informou que as propostas serão analisadas e, posteriormente, será dada uma resposta à Federação.

Disponível em: <http://www.concepto.com.br/eclipping/eclipping/?c=513&n=4332>
Acessado em: 05/10/2009. Refere-se à Passeata de 2004.